

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula Nº 75
18 de setembro de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Então, boa noite, sejam todos bem-vindos.

Eu queria tomar esta aula de hoje para fazer uma série de observações que talvez não pareçam ter muito a ver umas com as outras, mas que no fim serão úteis e tudo vai se juntar.

A primeira diz respeito ainda ao texto que nós estávamos usando e que vamos voltar a usar, que é o do Dardo Scavino, *A Filosofia Atual*. O método que ele segue ali é o que se chama de “história interna das idéias”. Essa história descreve cronologicamente a evolução de um debate filosófico – debate que pode ser real ou ideal. Ali não se está pressupondo que houve um contato direto de um filósofo com outro, quer dizer, que um está respondendo diretamente ao outro. Basta haver a convergência ou divergência de assuntos, e então se traça como se fosse uma dialética ideal.

Se estiver interessado em conhecer a obra de um filósofo em particular, você terá de usar este método em primeiro lugar. Quer dizer, esta é a primeira coisa a fazer; é a primeira, mas não é a única. Isso aqui é importantíssimo entender senão você nunca chegará ao nível de compreensão requerido para uma participação frutífera no debate intelectual superior.

A primeira providência é conhecer o sistema do indivíduo, quer dizer, o conjunto das idéias dele tal como se articulam logicamente. É isso que faz, por exemplo, o Marcel Guérout no livro *Descartes segundo a Ordem das Razões*. Ele está interessado em captar a unidade interna do pensamento de Descartes, partindo da hipótese de que se o sujeito é um filósofo, ele está buscando alguma coerência, alguma unidade nas suas idéias e que você deve compreendê-lo do ponto de vista dessa coerência, do ponto de vista dessa unidade, e não como se fosse um conjunto de idéias soltas. Isso quer dizer que mesmo que os escritos do indivíduo não estejam muito organizados, de modo a favorecer a percepção dessa unidade, é ela que você deve buscar sempre. Essa é a primeira providência.

Para isso é claro que você vai ter de ler todos os escritos publicados do indivíduo e de preferência algum material inédito que ele tenha deixado ou que tenha sido publicado postumamente. Inclusive escritos que não pareçam ter muita importância. Uma vez na sua vida você vai ter de fazer isso pelo menos

com um filósofo, quer dizer, vai ter de ler tudo o que o sujeito escreveu da primeira à última linha, tudo que existe publicado dele da primeira à última linha. Isso é só para você ter a concepção interna do pensamento dele. Feito isso — que já vai dar um trabalho miserável —, restam várias perguntas.

A primeira pergunta é a seguinte: com quem ou contra quem ele estava dialogando? Existe um contexto imediato, e você já vai sair de um estudo interno da filosofia do indivíduo e passar para um estudo da história das idéias ou de história da filosofia. Ou seja, há uma atmosfera imediata que rodeia o filósofo à qual ele está respondendo.

Por exemplo: no caso de Aristóteles, existe manifestamente um diálogo ou um debate com Platão. Até hoje é difícil compreender o sentido deste debate, quer dizer, é difícil você medir o coeficiente de concordância ou discordância que existe entre Platão e Aristóteles. Há alguns estudiosos que apostam em uma ruptura completa, enquanto outros dizem que há uma harmonia no fundo, ou seja, esse debate prossegue há dois mil anos. Nós não temos a solução da pergunta, mas se você não compreender este problema realmente não estará compreendendo Aristóteles. Você não sabe qual é o problema que está em jogo.

Além do ambiente imediato existe o mediato, o ambiente mais remoto que é o social e cultural do qual o filósofo vai recolher a sua linguagem, os exemplos que ele cita e uma série de outros elementos que formam a mentalidade dele de modo, por assim dizer, passivo. É aquilo que do ambiente cultural e social em torno se impregna na mente dele sem que, necessariamente, ele tenha que proceder a um exame crítico de cada uma dessas coisas.

Todos nós, por mais críticos ou marginais ou *mavericks* que nos suponhamos, somos impregnados de elementos da linguagem, do simbolismo, dos valores, dos hábitos etc. Tudo isso se incorpora em nós e se torna, de certo modo, um componente da nossa pessoa, embora não tenha sido um componente escolhido por nós e nem selecionado por nós. Isto é importante justamente para que você consiga articular o pensamento daquele filósofo com este meio distinguindo as duas coisas. Há uma parte indistinguível onde as duas coisas se misturam de tal modo que não dá para você saber o que era pessoal naquele indivíduo e o que era simples impregnação do meio.

Em terceiro lugar, existe um ambiente mais remoto ainda que é a linhagem histórica recebida por este filósofo. São as influências que não estão atuantes no meio, mas que vêm junto com uma tradição.

Por fim, você vai ter de articular o pensamento desse filósofo com tudo o que veio depois, ou seja, com o modo como ele foi lido, com a história das interpretações que ele recebeu ao longo do tempo.

Para fazer tudo isso, você vai encontrar o seguinte problema já desde o ponto de vista da história interna das idéias do filósofo, da interpretação interna: um único filósofo lida com elementos que são tirados de várias disciplinas – ou disciplinas já existentes ou disciplinas que ele mesmo criou –, como Aristóteles que criou várias. Isso quer dizer que se você não tem certa formação nessas

disciplinas em particular, uma por uma, não vai entender do que ele está falando.

Se você estiver lendo, por exemplo, Aristóteles, alguma coisa de biologia terá de estudar, alguma coisa de astronomia terá de estudar, e alguma coisa de física, assim como para estudar Platão terá de saber alguma coisa de matemática. É claro que são dados elementares, pois essas ciências mal estavam surgindo, logo não havia muitos elementos. Sem ter uma idéia da evolução posterior da biologia você não consegue se situar exatamente em qual a dimensão e o valor das conquistas de Aristóteles. Claro que muito do que Aristóteles escreveu sobre biologia foi em seguida impugnado, mas muito foi confirmado. Se você não situar Aristóteles dentro da história das ciências, também não conseguirá situá-lo dentro da história da filosofia.

Todo este trabalho você tem com relação a um único filósofo, quer dizer, uma vez na sua vida, pelo menos uma vez, vai ter de fazer isso com um filósofo qualquer, e só vai entender realmente o que é uma filosofia depois de fazer tudo isso. Naturalmente você pode escolher. Escolha algum filósofo que não tenha escrito 150 volumes, que tenha uma obra abarcável. O próprio Aristóteles é um caso, e eu mesmo escolhi Aristóteles para isso.

Depois vai ter de fazer o mesmo com uma escola ou época filosófica que você consiga acompanhar desde a sua origem até o seu desaparecimento ou fusão com outras correntes. No caso, esta corrente que nós estamos estudando e que é a dominante hoje em dia, – a história dela não é muito longa, mas bibliograficamente é quase inabarcável. É evidente que você não vai conseguir estudá-la, não vai conseguir captar a unidade de pensamento que perpassa a evolução de toda essa escola, começando com Saussure, Wittgenstein, Heidegger, Derrida, Lacan etc., e depois remontando a Nietzsche, sem você ter alguma idéia das disciplinas especializadas que serviram de padrão para o pensamento de todas essas pessoas. Nomeadamente a lingüística e a lógica matemática, ao menos um pouco disso você vai ter de estudar. Às vezes não há tempo para adquirir uma formação especializada nessas coisas, então você deve ter bons amigos [0:10] aos quais possa recorrer para que ensinem e expliquem pelo menos aqueles pontos necessários para a compreensão das obras daqueles filósofos em particular. Às vezes algumas dessas disciplinas são muito estéreis: você estuda, estuda, estuda e não chega à coisa nenhuma, mas ainda assim elas são necessárias para compreender o processo histórico real da coisa.

Repetindo, para você compreender um filósofo, primeiro: deve ler os textos dele, de modo que possa captar a unidade de seu pensamento desde dois pontos de vista, que eu me esqueci de dizer antes: primeiro, do ponto de vista lógico; segundo, do ponto de vista cronológico. Você tem de compreender a articulação no sentido estrutural, no sentido lógico, quer dizer, qual é o padrão de unidade do pensamento dele. Ainda que este padrão de unidade às vezes seja problemático, como, por exemplo, no caso de Nietzsche. É muito difícil você coerir os vários elementos do pensamento de Nietzsche, mas é justamente este esforço de coerenciação que irá levá-lo a perceber os vários elementos díspares, heterogêneos e conflitivos que compõem essa filosofia. Quando captar esses conflitos, aí você começa a compreender Nietzsche. Eu já dei o exemplo do Eugen Fink, o assistente de Husserl que fez o melhor que ele

podia para encontrar o que era o sistema de pensamento de Nietzsche, e encontrou cinco incompatíveis entre si. Bom, se há cinco, então você tem a articulação de um imenso problema filosófico, não de uma solução, mas de um problema, e este problema é justamente a filosofia de Nietzsche.

Primeiro, a compreensão interna da filosofia usando um método parecido com esse do Marcel Guérout. Não precisa chegar àquele requinte, porque o Guérout compara praticamente cada linha de Descartes com todas as outras linhas, então chega a uma coisa muito bem integrada e você capta realmente a unidade do pensamento de Descartes. Muito bem, se captou esta unidade, depois tem de captar a mesma unidade de outro ponto de vista, o cronológico, ou seja, como se formaram essas idéias. Reconstituir se possível a cronologia dos escritos e do pensamento. A cronologia de escritos também é às vezes ilusória, pois a ordem de publicação não é necessariamente a ordem de produção.

No caso de Platão e Aristóteles, até hoje se discute qual foi a ordem com que aquelas coisas foram descritas. Se bem que na época, o hiato entre a produção e a publicação não era tão grande. No que consistia publicar um livro, quando não havia a indústria gráfica? Isso aconteceu mil e novecentos anos antes do advento da indústria gráfica. A publicação de um livro na Grécia e Roma consistia em reunir uma platéia e ler o que você tinha escrito, era como se fosse a estréia de uma peça de teatro. Não havia um processo de produção tão complexo como se tinha na indústria moderna, onde às vezes você entrega um livro para o editor e ele leva dez anos para publicar aquela coisa. A publicação era praticamente imediata. Se você reunisse quinze pessoas e lesse, considerava-se publicado o livro; mesmo assim às vezes é difícil reconstituir a ordem. Se você não consegue captar a ordem cronológica ou pelo menos captar o problema da ordem cronológica que os escritos do filósofo colocam, é difícil avaliar o peso relativo das suas várias idéias, e, portanto, a hierarquia das idéias. E, note bem, que nesse caso existe filosofia em que a hierarquia é tudo.

Tanto Ortega y Gasset quanto Henri Bergson dizem que geralmente os filósofos têm uma única intuição importante na sua vida, eles até dizem que a têm entre os 26 e 28 anos de idade, e que você passa o resto da vida trabalhando em cima daquilo e tentando expressar aquilo e complementando, e assim por diante. Mesmo que não seja só uma intuição — ou que sejam duas ou três —, são essas que você tem de usar, pois são os pontos de articulação. E esses pontos de articulação se tornam difíceis de aprender se você não tem a idéia correta da ordem cronológica.

Primeiro é o estudo interno, lógico, estrutural e cronológico, depois é o ambiente imediato. Já dizia Benedetto Croce que “Você não compreende um filósofo sem saber com quem ele está debatendo” e Julián Marías acrescentava que “A típica fórmula de uma tese filosófica não é assim: $a=b$, mas é assim: a não é b , porém c ”. Você tem de dizer primeiro o que não é para depois dizer o que é. Sempre um elemento polêmico ou dialético está ali presente. A relação de um filósofo com o ambiente imediato, com aqueles a quem ele respondeu de algum modo, é o segundo passo. É saber colocá-lo dentro de seu contexto cultural imediato.

Em terceiro, colocá-lo dentro do contexto social e cultural mediato. São todos os elementos que se impregnam na mente dele passivamente, como, por exemplo, a língua que ele fala. Por mais personalizada que seja a língua em que um filósofo escreve — em alguns casos é tremendamente personalizada —, dependendo do maior ou menor coeficiente de preocupação literária que o sujeito tem, como, por exemplo, Platão, que praticamente inventa uma língua nova. Por mais criativo que o autor seja, evidentemente, ele se impregna da língua que se fala em seu meio e isso dá um peso específico a muitas coisas que ele diz.

Por exemplo, eu tenho certeza de que é impossível compreender Platão sem ter um bom dicionário grego, de preferência um dicionário bem completo, e se possível um dicionário etimológico também — eu não digo que tenha de ler em grego, não precisa chegar a esse ponto —, do qual você possa tirar todas as suas dúvidas quanto a nuances de certas palavras. Você vai ver a todo momento que as palavras gregas não correspondem exatamente ao que aparece delas em traduções e vai ter de meditar um pouco sobre o significado originário, sobre o peso e a ressonância que aquelas palavras tinham na cabeça do autor e de seus leitores.

Se vocês leram o meu livrinho sobre a teoria dos quatro discursos, vão ver que muitas vezes eu tive de apelar a isso, quer dizer, o que o autor está querendo dizer com essa palavra? Por exemplo, existe toda uma discussão que foi levantada pelo professor Henrique Uberti sobre a questão da verossimilhança em que ele nega que o objetivo da retórica seja a verossimilhança. É impossível resolver isso sem ter o peso exato das palavras em grego. Eu fiquei várias semanas pensando nisso, examinando, porque eu tinha apostado no sentido originário da coisa: o objetivo da retórica é a verossimilhança. Ele nega isso, não interessa discutir agora o porquê, mas a argumentação dele era baseada na etimologia das palavras. Então, até resolver isso, tive de vasculhar. Eu sei o mínimo, mínimo de grego clássico, o suficiente para fazer esse tipo de investigações, quer dizer, tem de conhecer o alfabeto e algo da gramática. Eu não creio que seja preciso chegar ao ponto de ler correntemente em grego, mas pelo menos este mínimo de orientação quanto à língua originária você precisa ter.

Em alguns casos, filósofos que eu tinha um enorme interesse, eu não pude ir adiante no seu estudo por desconhecer a língua, foi o caso do Vladimir Solovyov, que é um filósofo absolutamente fascinante. Eu fui lendo o Solovyov, eu li um, li dois, li três, li quatro, conversava muito com o padre Ladusãns sobre isso e chegou uma hora que “Bom, ou eu estudo russo ou eu tenho de parar o negócio, porque daqui em diante eu não vou entender as nuances sem apelar à língua originária”.

Então, a língua e os elementos culturais mediatos são aquilo que se impregna no filósofo passivamente. Às vezes passando por um filtro crítico, às vezes não, quer dizer, existe coisa que o sujeito absorve do meio e ele nem percebe que absorveu, pois aquilo lhe parece tão natural. Mas, para você ter o perfil da personalidade intelectual do sujeito vai ter exatamente saber quais os elementos que estão nele, mas que não são ele, e aqueles que, não sendo ele, não sendo dele, não tendo passado pela seleção dele, se impregnaram profundamente nele ao ponto de se tornarem elementos internos.

[0:20] Em seguida, você vai ter de ver o ambiente intelectual remoto, que são as tradições históricas que chegaram até ele e perante as quais ele se posicionava ou não. E por fim você vai ter de ver a tradição de estudos que se formou em torno do filósofo — tradição que no caso de Aristóteles tem dois mil e quatrocentos anos. Eu acho que não existe outro autor cuja bibliografia crítica seja tão grande quanto a de Aristóteles, ele é certamente o autor mais estudado do universo. Acho que nem Platão ganha de Aristóteles.

É claro que no meio disso, depois de pesquisar aquilo anos a fio, você acaba descobrindo muitas repetições, quer dizer, coisas que as pessoas estão estudando pela milésima vez e que já foram resolvidas. Pelo menos os comentários clássicos — como de Porfírio, Alexandre de Afrodísias etc. —, isso vai ter de ler e ter uma idéia da continuidade bibliográfica. No livro *Aristóteles em Nova Perspectiva* eu fiz um curto resumo, monstruosamente compactado, das grandes etapas dos estudos aristotélicos no mundo, pelo menos com relação ao tema que eu estava estudando.

É claro que você não vai conseguir fazer um estudo desses em relação a um filósofo em menos de dois anos. Eu não considero que este estudo que estou descrevendo faça parte integrante desse curso, mas é algo que eu espero que vocês façam por sua conta, ou no decorrer do curso ou depois, mas um dia vão ter de fazer, convençam-se disso! Enquanto não fizer isso você não vai ter segurança do que está falando. Se nós queremos opinar com base nos fatos, e não apenas na base do achismo e impressionismo, então pelo menos temos de saber como se faz para investigar os fatos. É claro que depois que você fez isso com um filósofo, fazer com o segundo é muito mais rápido, pois desenvolve uma espécie de capacidade divinatória onde você mais ou menos já sabe o que as pessoas vão dizer a respeito daquele filósofo e, em geral, elas acabam dizendo exatamente o que você esperava.

Com relação à história das idéias, digamos que nós fôssemos tomar esta seqüência que está sendo descrita pelo Dardo Scavino em termos de história interna das idéias, e fôssemos completá-la para saber qual é realmente a substância histórico-cultural do que está sendo debatido, precisaríamos para isso pelo menos de um ano. Você precisaria fazer todo este trabalho de modo resumido e compactado. Todo este trabalho que eu descrevi em relação a um filósofo, você precisaria fazer em relação a cada um deles. É claro que, como muitos pertencem ao mesmo ambiente, o que você estudou com relação a um serviria com relação a outro.

Por exemplo, não há jeito de compreender algo do Wittgenstein sem se reportar à história de Viena, que é o ambiente onde ele se formou. Por exemplo, também não vejo muito como entender Wittgenstein sem haver estudado algo de um cidadão chamado Ernest Mar, que era um cientista e filósofo católico que exerceu grande influência sobre Wittgenstein no começo da vida. De tal modo que algumas das idéias do Wittgenstein são apenas ênfases exageradas colocadas sobre teses do Ernest Mar, que acreditava que a física era uma descrição de aparências e não de substâncias. É curioso, inclusive, pois uma das polêmicas que essa tese de Mar provocou aparece no livro de Lênin — *Materialismo e Empiriocriticismo* —, no qual ele pretende ser crítico de Mar e mete os pés pelas mãos que é uma coisa gloriosa! É de uma

inépcia filosófica, assim, fulgurante! Porém mais tarde, monstruosamente exagerada, essa mesma tese aparecerá em Wittgenstein. Se você não souber que aquilo teve uma origem, se não conhecer a tese originária e não ver qual a diferença de modulação e de acentuação que o Wittgenstein colocou nela, você não entenderá do que ele está falando.

Tudo isso você tem de fazer com relação a um filósofo, na verdade tem de fazer com relação a todos, só que um vai ter de fazer por extenso e com os outros vai ter de fazer abreviadamente. Por exemplo, com relação à história de uma corrente ou de uma escola, eu tive a sorte, de, quando era muito jovem, me interessar pela filosofia espanhola, pois eu lia José Ortega y Gasset – um dos primeiros autores que eu li, que é um autor muito fácil de se ler. Ortega y Gasset é provavelmente o melhor prosador espanhol de todos os tempos. Embora a filosofia dele seja meio confusa, os escritos são muito claros. Aquilo me despertou atenção e eu fui lendo outro filósofo espanhol, e outro, e outro, no fim eu li um livro do Julián Marías que se chamava *A Escola de Madri*, onde havia mais ou menos a reconstituição cronológica da escola. Assim, em questão de dois anos, eu tinha uma visão mais ou menos completa do que havia se passado na filosofia espanhola, que era uma filosofia muito limitada, o movimento filosófico espanhol era pequeno, e justamente por ser pequeno, servia de modelo microscópico para outros estudos do mesmo gênero. Era algo que se podia apreender numa visão total. Digamos que você, se dedicando um período de dois anos aos estudos da filosofia espanhola, sabia o que havia se passado ali. E mais ainda, os elementos do ambiente imediato, os elementos quase biográficos de convivência de um e de outro – quem encontrou quem, quem conversou com quem, quem leu o quê – já estavam tudo mais ou menos mastigados pelo Julián Marías, pelo José Ferrater Mora e por outras pessoas que deixaram depoimentos a esse respeito. É claro que no caso da filosofia espanhola a reconstituição dessa história era muito mais fácil do que no caso desta outra corrente que nós estamos discutindo aqui, que é de ordem mundial, pois envolve filósofos de várias origens, alguns dos quais nunca se encontraram e às vezes um não leu o outro, mas está falando da mesma coisa.

Então, pelo menos, um trabalho de estudo aprofundado de um filósofo e um trabalho de história das idéias um dia vocês vão ter de fazer, não necessariamente por escrito, mas vão ter de fazer para seu uso próprio. Isso faz parte integrante da sua formação. Enquanto não obtiverem um conhecimento suficiente dessas duas coisas: a obra de um e o desenvolvimento de certa corrente da história, vocês não terão firmeza para se posicionar em nenhuma questão filosófica, é impossível. Sendo que em muitos casos, quando você lê um gigante da filosofia que mexe com dez, vinte disciplinas, vai ter de adquirir alguma formação em cada um dessas disciplinas por mais improvisada que seja. Não há nenhuma faculdade de filosofia no mundo que forneça todos os conhecimentos necessários para você compreender a obra de um único filósofo, é sempre importante terem isso em vista. Por exemplo, o pessoal diz: “Ah, nós estamos estudando Aristóteles”. “Bom, então você tem aí um curso de astronomia? Você tem um curso de botânica? Você tem um curso de zoologia? Não! Então não está estudando Aristóteles, você está estudando um pedaço de Aristóteles, pois a obra de Aristóteles é 80% constituída desses livros”. Algum subsídio dessas disciplinas vai ter de puxar.

Se eu fosse montar uma faculdade de filosofia com um corpo de professores, eu iria fazer exatamente isso. Depois desta formação geral que eu estou dando aqui para vocês, que é mais uma questão de passar para vocês um estilo intelectual, quase uma maneira de ser. Em suma, depois que você se impregnou disso, daí passar para a formação especializada, e, na formação especializada, o que se está estudando de um filósofo tem de ser reforçado pelo conhecimento de todas as matérias com as quais ele lidou. Haveria um curso de cinco anos só de Aristóteles. E um curso de cinco anos de Aristóteles não é demais acompanhado de todos os elementos de ciência e história da ciência necessários para você se situar. Isso seria uma verdadeira maravilha se fosse possível de fazer. Isso é tão bonito que jamais se fez. Talvez a gente faça algum dia. Quando terminar o nosso seminário, a gente inventa outro curso, e fala: “Bom, agora são cinco anos de Aristóteles, com todos os elementos etc.”.

[0:30] Isso vai ser a apoteose do ensino de filosofia. Então essa era a primeira observação que eu queria fazer com relação ao ensino da filosofia.

Uma segunda observação que nós temos de fazer é com relação ao confronto da investigação filosófica com a doutrina da Igreja. Muitas vezes eu vejo, ou nas perguntas que aparecem aqui ou em debates que vejo na internet, certo desejo de confrontar uma investigação filosófica com a doutrina da Igreja tal como se expressa no dogma, nas sentenças dos papas, nas conclusões dos concílios, nos ensinamentos dos doutores etc. É muito fácil para o sujeito que se coloca do ponto de vista religioso ou teológico ele dizer: “Tal coisa está errada, tal coisa é uma heresia etc.”. É muito fácil, mas tudo isso é baseado em um erro de perspectiva monstruoso, porque parte do princípio de que a doutrina da Igreja é uma totalidade fixa e pronta com a qual você pode confrontar uma filosofia, na qual também cada frase é uma conclusão fixa e pronta, e é claro que as coisas não são assim.

Pelo lado da doutrina cristã, por exemplo, ela não veio pronta, e se formou ao fio de controvérsias terríveis, debates que chegavam a ser belicosos, as pessoas chegavam aos tapas nos concílios, não se esqueça disso. Ou seja, as conclusões que se consolidam nos dogmas não foram obtidas do dia para a noite. E não adianta o sujeito alegar o seguinte: “Não, mas uma vez obtida a conclusão, todo mundo tem de aceitar”. Eu digo: “Sim, mas aceitar é uma coisa, compreender é outra, e a compreensão desse dogma é tão difícil quanto a própria formação desse dogma”. Isso quer dizer que a doutrina da Igreja não pode ser confrontada com nenhuma conclusão filosófica, a não ser no sentido de que, em última análise, uma filosofia que se pretenda cristã deve estar indo na direção daquelas conclusões dogmáticas, mas não concordar com elas linha por linha em cada etapa, isso é impossível! Porque se há um processo de investigação da verdade esse é necessariamente um processo dialético, exatamente como a formação do próprio dogma foi um processo dialético. Isso quer dizer que se a Igreja às vezes levou seiscentos, setecentos, oitocentos, mil ou mil e quinhentos anos para chegar a certa conclusão, por que eu tenho de chegar a uma em 10 minutos? É materialmente impossível! Ainda que sabendo e acreditando que o dogma da conclusão final é correto, aqui nós temos duas alternativas: ou vamos fazer um esforço de compreensão real e investigar as coisas a partir da nossa experiência, usando o dogma da Igreja como se fosse, vamos dizer, um sinal de trânsito que está te guiando em última análise, ou nós vamos simplesmente subscrever os dogmas de Igreja

sem ter a efetiva compreensão nem intelectual e nem existencial do que está escrito ali.

Por exemplo, eu passei quase a semana inteira estudando uma controvérsia que surgiu dentro do campo católico entre o Jean Borella — que é um autor católico, mas fortemente influenciado por Guénon e Schuon — e certos teólogos da sociedade São Pio X, na qual, um deles, que se chama Dom Basílio Méramo, apontou pelo menos quinze afirmações heréticas na obra de Jean Borella. Eu acho muito difícil chegar a uma conclusão a este ponto, por quê? O dogma da Igreja, como a própria palavra já diz, é uma coisa que está ali para ser acreditada, quer dizer, é uma sentença que tem uma forma final que você tem de subscrever. E uma investigação filosófica é sempre constituída de confrontações dialéticas que podem ser mudadas, alteradas a qualquer momento. É como você ter a forma final de um ser humano, ter um retrato de um ser humano e o compara com a fotografia de um feto. Você dirá: “Isso não é humano, está muito diferente, está parecendo um peixe, parecendo um sapo etc.”. “Bom, não, espera aí, não está pronto ainda”. Eu também naquela etapa não era muito bonito, mas hoje eu sou lindo. Naquela época podia até parecer repugnante, em certos momentos, com uma semana, duas semanas, três semanas. Essa comparação, às vezes, ela é muito forçada, pois muitas filosofias não chegam sequer a conclusões finais, elas terminam com um problema. A própria filosofia de Aristóteles termina com um problema que eu já expus para vocês.

Note bem, a formação da doutrina cristã se dá a partir da interpretação da revelação. São sentenças divinas, ensinamentos divinos saídos da boca do próprio Deus. Você vê que muitas sentenças da Bíblia lhe parecem enigmáticas.

Outro dia eu estava ouvindo um conferencista judeu de que eu gosto muito que é o Avi Lipkin. Ele faz pregações em diversas igrejas cristãs e faz muito bem. Ele estava dizendo: “Olhem aqui, o simbolismo cristão é uma cruz, ao passo que o dos mulçumanos é uma espada, que mostra um espírito belicoso etc.”, mas o próprio Cristo diz: “Eu não vim trazer a paz, mas a espada”, então a sua comparação falhou completamente. As sentenças divinas, tal como aparecem no Evangelho e no Antigo Testamento às vezes são enigmáticas, difíceis de você compreender. A elaboração do dogma se faz por interpretação e progressivo esclarecimento dessas sentenças, porém as conclusões dogmáticas às vezes também são enigmáticas, não são fáceis de você compreender.

Por exemplo, nesta controvérsia que eu estava mencionando, o Jean Borella dizia o seguinte: que na modernidade, a partir de René Descartes, se perdeu de vista a estrutura trina, tripartite do homem como corpo, alma e espírito. Criou-se um dualismo de corpo e alma, a coisa extensa e a coisa pensante. Dom Basílio Méramo dizia que isso já tinha sido discutido nos concílios e que já se chegou à seguinte conclusão há mais de mil anos: “O que a Igreja chama de alma, não é o que os gregos chamavam de psique, psique é apenas um princípio que anima os corpos”. Então, evidentemente, o intelecto está excluído disso, um bicho tem psique como nós temos psique, mas a alma no sentido cristão é uma fusão indissolúvel da psique – o princípio anímico, o princípio animante – e do intelecto, da capacidade cognitiva. Se você diz que o

intelecto, o espírito existe como um elemento separado, acima da alma, caiu na heresia, porque você vai cair no negócio de Averrois de que o espírito é um elemento divino e único para todas as pessoas, o espírito humano, a inteligência, o intelecto agente é um só para todas as pessoas.

Então quem está certo? Está certo Jean Borella e está certo Dom Basílio Méramo, porque eles estão falando de duas coisas completamente diferentes. Isso quer dizer que se você tomar esta constituição tripartite do homem, tal como afirmada pelo Jean Borella, se você a tomar como uma conclusão dogmática, ela cai evidentemente numa heresia. Como ela é etapa de uma investigação filosófica, que em última análise se orienta para chegar até o dogma da Igreja, então ela não é herética de maneira alguma, porque é apenas parte de um raciocínio.

Em geral, essas confrontações, essas contestações dogmáticas de filosofia pecam por causa disto. No Brasil isso é uma das coisas mais comuns que existe. O falecido professor Orlando Fedeli só fazia isso o tempo todo. Você estava raciocinando, tentando encontrar um negócio e ele falava: “Ah, isso é agnóstico etc.”. É claro que **10:40** é uma confusão de planos, uma investigação filosófica é uma coisa, uma conclusão dogmática é outra completamente diferente.

A interpretação da conclusão dogmática, por sua vez, pode suscitar inúmeras controvérsias teológicas e filosóficas que não têm fim. Existe aquele famoso adágio católico: *Roma locuta est, causa finita est*, quer dizer, se Roma pronunciou a sua sentença, acabou a discussão. Não, não acabou nada, pois a interpretação do dogma, por sua vez, dá muitas controvérsias. Não há como evitar a controvérsia, e curiosamente, durante a maior parte da história da Igreja, se entendeu isso perfeitamente. A controvérsia era não só aceita, mas era até estimulada por ser a atividade essencial para a formação e a compreensão do próprio dogma.

A partir de certo tempo, justamente na modernidade após o Concílio de Trento, tem-se essa idéia ingênua de que, se foi proclamado um dogma, todo mundo entendeu o dogma no dia seguinte e é obrigado a segui-lo. Não, você é obrigado a segui-lo em última instância, tão logo você tenha a compreensão adequada da coisa. Sem contar o fato de que uma única sentença dogmática, a compreensão dela se modifica no tempo, quer dizer, uma vez que ela foi proclamada não pára de nascer gente só porque você proclamou um dogma de que aqui não vai nascer mais ninguém. Vai nascer muita gente em situações diferentes, o peso daquelas palavras será julgado diferentemente, e a cada geração terá de haver um esforço de retomada da compreensão do dogma em níveis cada vez mais aprofundados.

Eu digo isso porque muitas pessoas às vezes se preocupam com a ortodoxia daquilo que estão dizendo, então de cara vocês têm de entender: uma discussão filosófica e a proclamação de um dogma não se dão no mesmo nível. Não são a mesma coisa, e uma coisa não pode ser confrontada diretamente com a outra, pode ser confrontada indiretamente.

Se você tem um pensamento de um sujeito e diz que, em última instância, se levado a suas conclusões últimas, ele chegará a uma proclamação formal de

uma heresia, então ele é herético, evidentemente. Heresia implícita é uma coisa, assim, muito vaga. Veja que na Idade Média, quando foi fundada a Inquisição em 1249, a função do inquisidor nos casos de suspeita de heresia era procurar o suspeito, e conversar com ele longo tempo para extrair dos escritos dele o que seria a conclusão formal e final, e só aí poderia haver uma acusação de heresia. Se o indivíduo provasse que a discussão tal como ele estava procedendo não tinha a intenção herética, acabava a acusação de heresia.

Hoje, não, hoje é lida uma frase sua e já o carimbam de herético. E no curso desta discussão entre Jean Borella e o pessoal da Sociedade São Pio X, a gente vê isso. Dom Basílio tem razão nas coisas que está falando, mas tem razão somente se aquelas partes citadas do Jean Borella forem conclusões finais com intenção formalmente herética, fora disso, não. Mas veja a ironia: passados os anos, Dom Basílio é expulso da Sociedade São Pio X. Este é o pessoal conservador da Igreja: um chamando o outro de herético e outro o expulsando da organização, este por sua vez descendo o cacete retroativamente na organização. Mas, que belo exemplo, com essa baita confusão, como é que vocês representam a mãe e mestra? *Mater et magistra*? Que mãe é essa que cada hora fala uma coisa diferente e fica aos tapas com ela mesma?

Então, essa é uma situação deplorável, na qual o desejo que as pessoas têm de se apegar a uma autoridade eclesiástica, neste momento, é extremamente destrutiva, pois você não sabe exatamente onde está esta autoridade. Nós temos de fazer o melhor que nós pudermos, investigarmos a verdade e rezarmos pelo guiamento do Espírito Santo. Desista desta coisa de que você vai encontrar uma autoridade eclesiástica e *Roma locuta, causa finita est*, vai resolver todos os problemas, não vai!

Por exemplo, eu leio muito as coisas do Irmão Michael Diamond, que acusa todos os últimos papas de heresia. Muito bem, ele lê umas sentenças de João Paulo II, Paulo VI, e diz que é heresia. Bem. Dependendo da interpretação que você der à frase, pode interpretá-la no sentido herético, mas pode interpretar em outro sentido. Então, precisaria reinserir essa sentença no conjunto da obra dos pronunciamentos do sujeito e ver se no final a coisa converge para um sentido formalmente herético. Isso daria o trabalho de uma vida!

Muitas vezes você pensa: “Parece que sim, ele diz algo e parece herético”. Bem, mas nenhuma frase pode ser herética em si, na medida em que ela é uma etapa de uma investigação. Se você ler todos os escritos teológicos, filosóficos, políticos etc. como se fossem escritos dogmáticos, isto é, como se cada frase fosse uma proclamação final da verdade ditada da própria boca de Deus, então, facilmente, você cairá na heresia porque consiste justamente em falar em nome de Deus alguma coisa que Deus não disse ou o contrário do que Ele disse. Se você está falando apenas em seu próprio nome, está apenas investigando a verdade, então não tem como cair na heresia. Cair na heresia é proclamar como doutrina católica algo que não é doutrina católica ou que é contrário à doutrina católica. Se não é isso que está fazendo, você está apenas investigando as coisas tal como pode, então muitas coisas podem ter a aparência de heréticas e outras não ser. Essas coisas se aplicam muito a esses extensos escritos dos últimos papas que são examinados pelo Irmão Diamond e outras pessoas do campo conservador.

Nós estamos em uma época de uma confusão mental fora do comum, acho que nunca existiu isso na humanidade, onde cada palavra pode dar margem a controvérsias sem fim. E nós não estamos aqui para condenar as pessoas ao inferno, muito menos para atizar esta fogueira. O nosso objetivo – é o meu objetivo pessoal, que eu gostaria que fosse o objetivo dos meus alunos – é chegar ao ponto de máxima clareza que pudermos. Nosso objetivo é ajudar e não atrapalhar. Não somos como Chacrinha, que dizia: “Eu não vim para explicar, eu vim para confundir”, que poderia ser o lema de quase todos esses filósofos.

Hoje em dia o *establishment* acadêmico gosta de ter uma atração mórbida precisamente por esses sujeitos que são enormemente confusos e estão aí para confundir. Nietzsche é o primeiro deles. Nas obras de Nietzsche em cada página você encontra confusões absolutamente geniais, mas, que são confusões, são. A mais característica delas, que é uma coisa que ninguém percebeu, ninguém, ninguém, ninguém – pode ser que alguém tenha percebido, mas eu não li isso em parte alguma – Nietzsche diz que Sócrates inaugurou a tradição racionalista, ou seja, a idéia de que o universo pode ser totalmente explicado pela razão, mas, ao mesmo tempo, ele condena o dualismo de Sócrates, ou seja, o abismo que ele cava entre o mundo das aparências sensíveis e o mundo das formas eternas.

Espera aí! Ou você acusa o sujeito de uma coisa ou você acusa ele de outra. Veja que Nietzsche recusa e joga no lixo toda a tradição filosófica ocidental, pois ele acredita que todos são discípulos de Sócrates, e Sócrates para ele é o demônio em pessoa, por quê? Porque criou essa ilusão do racionalismo, mas ao mesmo tempo, como eu disse, ele acusa Sócrates de criar um abismo entre a razão e a vida. Esperem um pouco. Se Sócrates reconhece que tem uma parte inferior que é confusa e inabarcável, então ele não acredita que tudo pode ser explicado racionalmente. Ele diz apenas que essa parte de baixo [0:50] nada significa em si mesmo e nós devemos voltar os nossos olhos para o mundo das formas eternas, onde aí, sim, é o reino da razão. Não há como você colocar Sócrates como um precursor do cientificismo racionalista que vai explicar tudo e ao mesmo tempo acusá-lo de dualismo. O Nietzsche faz as duas coisas na mesma linha e não percebe que está fazendo isso, que está acusando o sujeito de duas coisas contraditórias. Isso é a mesma coisa que você acusar o sujeito de haver matado a mulher e acusá-lo de havê-la abandonado há vinte anos e nunca mais haver se encontrado com ela. Bem, você vai ter de escolher, porque, para matar a mulher, ele tinha de estar ali perto dela, e se ele nunca mais foi lá, então...

A formação filosófica de Nietzsche é extremamente deficiente. Por mais que ele tivesse uma genialidade extraordinária, os estudos dele eram insuficientes e às vezes ele não prestava atenção direito nas coisas. Tinha aquelas sacadas e passava adiante sem o menor espírito crítico. Os filósofos acadêmicos tentaram depois projetar em cima de Nietzsche todos os rigores e a organização do pensamento acadêmico, ao ponto de Martin Heidegger inventar todo um Nietzsche à sua própria imagem e semelhança. Só para vocês verem o nível de confusão que existe.

Pior do que essas confusões são as confusões não reconhecidas. Alguns de vocês devem ter lido a minha apostila sobre Maquiavel, onde, estudando o conjunto dos escritos de Maquiavel – ele é excelente para fazermos isso, pois ele escreveu pouco, se somar tudo deve dar mil páginas. Muito se escreveu sobre os textos de Maquiavel, mas esse muito que se escreveu como eu mostro nesta mesma apostila, se organiza facilmente numa seqüência de interpretações que se opõem dialeticamente umas às outras. Então é fácil fazer uma história das interpretações de Maquiavel.

Antes mesmo que eu o fizesse, Isenberg Berger havia feito uma muito mais meticulosa da que eu fiz. O serviço está mais ou menos mastigado. Mas eu li isso e pensei: “Mas por que ninguém até agora percebeu que Maquiavel era apenas um mente confusa?”. Porque eles querem projetar os seus próprios pensamentos sobre Maquiavel e ver em Maquiavel a coerência que eles estão buscando, quando ela ali obviamente não existe. Quando você descobre a confusão interna de Maquiavel, a decepção é tremenda: “Mas eu perdi todo esse tempo com um sujeito que não sabe do que está falando? É exatamente”. Sobretudo quando você confronta os ensinamentos do Príncipe com as atitudes políticas reais de Maquiavel. Ele se apresenta como um sujeito que é especialista no poder, ele vai te ensinar como se conquista o poder, mas ao mesmo tempo, na vida prática, sempre aposta no lado perdedor, e sempre termina mal. Você contrata um técnico do futebol do time que só perde? Então porque você vai contratar um técnico político do time que só perde? Se você disser: “Não, mas é que as lições aqui são muito boas e são independentes da prática política de Maquiavel...”. Meu filho, nada em teoria política é separado da prática, porque a política é, por definição, uma prática, ela não é uma especulação teórica. É só vendo as atitudes políticas concretas do sujeito que você vai saber como é que ele entendia as próprias idéias. E a conclusão é a seguinte: ele não as entendia.

Justamente este estado de confusão é uma das motivações fundamentais que me levaram a criar este curso, e tentar instilar nas almas de meus alunos o que eu chamo de “a tolerância para com o estado de dúvida”, portanto, certa calma. Eu digo: “Se você não está entendendo algo, não fique nervoso porque ninguém está entendendo”. Se você vai acompanhar o debate acadêmico, vai ficar pior ainda, pois vai ver que eles estão entendendo às vezes menos do que você. Então, se esta questão que você está estudando não foi resolvida até hoje, é porque ela não precisa ser resolvida em dois dias. Tenha calma, vamos devagar e nós algum dia chegaremos a conclusões que, se não forem absolutamente certas, pelo menos serão mais razoáveis do que aquilo que nós recebemos. Neste sentido, eu acredito que, com um pouco de paciência, há algumas questões de interpretação filosófica que eu de fato resolvi. Eu acredito que eu resolvi aquele problema do Aristóteles dos quatro discursos, eu acredito que resolvi o problema de Maquiavel, eu acredito que resolvi o problema de Descartes, e que posso passar isso para as gerações seguintes com um patamar de clareza e de segurança maior. E esse deve ser todo o nosso objetivo. Como filósofos, não conseguiremos fazer mais do que isso, não dá para fazer nada mais do que isso. Se você quer fazer um grande sistema que vai modificar tudo, como um Wittgenstein ou um Nietzsche, eu digo: “Olha, você vai terminar muito mal, você vai aumentar a confusão”.

Olha, aqui vem uma pergunta que é perfeita para o assunto que nós estávamos falando:

Aluno: Não seria interessante aplicar esse processo histórico na busca da unidade do pensamento do filósofo conosco mesmo?

Olavo: Sim, por certo. Só que é o seguinte: como você ainda não é um filósofo falecido, não há como captar a unidade lógica do seu pensamento porque justamente está em busca dela, está em elaboração. Mas o esforço de buscar esta unidade lógica e cronológica e de reconstituir o ambiente cultural próximo e remoto que o formou... Em vez de fazer isso só para compreender o pensamento de um filósofo, ao contrário, isso vai ajudá-lo muito na busca da unidade do seu pensamento. Ainda que não tenhamos a menor ilusão em chegar a conclusões finais que tenham valor dogmático, ainda assim o nosso esforço é sempre na busca da coerência. Eu já defini a filosofia como a busca da unidade do conhecimento na unidade da consciência e vice-versa, só que com a ênfase de que isso é um processo, jamais termina e nem tem porque terminar. Faria sentido se você fosse o último filósofo da face da Terra. Mas, vejam, que o que eu fiz na aula anterior foi justamente tentar reconstruir o trajeto, a história das minhas idéias a partir da história das minhas leituras e das influências recebidas. É claro que ali eu não estou falando das minhas idéias propriamente ditas, mas apenas das influências recebidas. Qual é o ambiente intelectual imediato e mediato que me formou? Porém, não abrangi ali, na história desse ambiente mediato, os elementos de impregnação cultural passiva, porque, à medida que o tempo passa, eu vou tomando consciência dela, mas no começo estava tão identificado com aquilo que não sentia diferença entre eu e o meio.

Também à medida que o tempo passa eu me impressiono cada vez mais com a quantidade de elementos impregnados. Hábitos mentais, a ressonância de certas palavras, o apego a certos símbolos, que tudo isso eu absorvi no começo e achava que aquilo era eu. Identificava-me com aquele negócio e só aos poucos você vai tomando certa distância e consegue colocar aquilo em julgamento. Cada vez mais me impressiona como nós somos poucos personalizados, como o negócio coletivo determina quase tudo em nós. Só depois de uma longa experiência você começa a rever essas coisas e tentar dizer: “Bom, mas o que eu penso realmente a respeito dessas coisas?” e não há como fazer isso sem saber como essas coisas chegaram até você, como elas se impregnaram.

Muitas vezes tive certas decisões ou atitudes de juventude que depois volto a afirmar as mesmas, passados trinta, quarenta, cinquenta anos, mas depois de um exame crítico, eu digo: “Bom, aqui eu estava realmente certo, tinha realmente razão naquilo, embora na época não soubesse por que”. Em outros casos você tem de abdicar completamente daquelas atitudes ou convicções.

No meu caso, pessoalmente, [1:00] eu tive a sorte de passar por todas essas influências e recebê-las de maneira stanislavskiana, como se estivesse representando um dentre muitos papéis. Cada um deles era representado com perfeita sinceridade, mas nenhum deles expressava a totalidade do que eu pensava e sentia, mas só certo aspecto que era importante naquele momento. Era como uma sinceridade provisória: você não sabe exatamente o que está

dizendo, mas naquele momento aquilo realmente lhe parece ser a sua verdade. Claro que esse tipo de sinceridade não basta para um homem adulto, mas quando você está começando é tudo que pode fazer.

O que eu realmente gostaria de ter feito naquela lista seria fazer a relação de todas as minhas leituras, de todas as influências recebidas, uma por uma. Eu gostaria de fazer isso. Mais ou menos na minha cabeça a coisa está esboçada, mas não houve tempo para fazer. Seria o ideal você reconstituir toda a sua história interior.

Esta sua história interior, inclusive, vai contribuir para uma segunda coisa ainda mais importante. Tudo o que você sabe de si mesmo por experiência são elementos que vêm e passam. Todas as suas impressões sensíveis vêm e passam, todos os seus estados anímicos vêm e passam, e até as sínteses que você tenta fazer da sua biografia também vêm e passam. Porém, se tudo fosse passageiro, não haveria o menor fio de unidade entre uma coisa e outra, só haveria estados separados. A tendência geral de nossa cultura é achar que não existe nada além desses estados, quer dizer, que em cima disso você cria uma ilusão chamada de “eu”, cria um arremedo de unidade como se você fosse um personagem, mas essa tese me parece absolutamente impossível. Porque se todos esses estados e todos esses conhecimentos e idéias vêm e passam, vocês imaginam a capacidade construtiva e unificante que eu teria de ter para construir um personagem com isso. Às vezes não conseguimos sequer juntar duas idéias que nós temos. Você pensa uma coisa aqui, pensa outra contraditória lá e não consegue achar a unidade. Quanto mais não seria impossível eu mesmo criar a unidade de meu personagem. Eu suponho, ao contrário, que existe uma unidade profunda que não chega a ser expressa, mas está subentendida em todas essas vivências temporárias que se unificam temporalmente graças à continuidade deste eu profundo, cuja origem eu também desconheço, mas que sem dúvida é precisamente o que eu chamo de “eu”.

Lembrei-me de uma conferência de Julián Marías a que eu assisti há muito tempo atrás, em que ele dizia que, caso existisse uma imortalidade (ele se colocou esta pergunta): “Caso exista uma imortalidade e eu tenha acesso a ela, o que eu levaria para lá? Sem dúvida eu levaria aquilo que faz com que eu seja eu, e dispensaria o resto”. Ora, mas o que faz com que você seja você não é nem uma das experiências que teve, não é a sucessão de estados, não é a sucessão de idéias, não é o fluxo de palavras, não é nada. É uma espécie de fio da meada que está por trás de tudo isso, que continua constante e que permite que você, se lembrando do que você era aos três anos, sinta a mesma unidade pessoal, quer dizer: “Eu era eu naquele tempo, eu me reconheço no que me recordo de mim naquela época, e sei que é o mesmo que está aqui agora”. É curioso, pois este eu permanente todos nós sabemos que ele existe e se ele não existisse não poderíamos sequer contar a nossa história. Teríamos de ter uma capacidade construtiva quase divina, aí sim seria um milagre.

Só tendo experiências separadas, atomísticas, consigo com a minha força criativa inventar um personagem que se sobreponha a tudo isso. Eu acho isso tão utópico, tão louco. O sujeito primeiro afirma o caráter fragmentário da sua experiência e depois diz que você o unificou? Como se eu só tenho experiências fragmentárias, como poderia unificar tudo isso? Isso é

absolutamente contraditório e impossível. Quer dizer, um pobre bichinho solto no fluxo de experiências atomísticas por si mesmo inventa uma forma transcendente, uma forma *a priori* de entendimento e que se unifica a si próprio. Com isso não dá para fazer! Se eu já não fosse eu mesmo antes da minha experiência eu não poderia ter experiência nenhuma.

A unidade profunda do eu é a condição de toda a experiência, e esta unidade... Vamos usar o termo kantiano: é transcendental no sentido de que é necessária para que você tenha a experiência, mas só toma consciência dela ao refletir retroativamente sobre a experiência. Porém, na hora em que você reflete vê que está refletindo sobre algo que estava dentro da experiência e sempre esteve ali. E que de certo modo é mais real do que todo o fluxo das experiências que vieram e passaram. Então vamos chamá-lo de “sentimento do eu profundo”. Talvez a palavra não seja exatamente essa, mas é o que me ocorre no momento. Quando você percebe isso nota que somente isso é real, e que somente isso é o seu verdadeiro eu e que todo o resto foram elementos que vieram e passaram, uns se incorporaram, outros não, outros foram embora para sempre. Mas aquilo está presente e aquilo é real, pois todas as outras experiências, idéias etc., são coisas que realmente são temporárias, são transitórias, são evanescentes, não têm substancialidade alguma. Aqui vem o famoso verso de Apollinaire, *Les jour s'en vont, je demeure*, ou seja, “Os dias se vão e eu fico”, misteriosamente “eu fico”.

Eu só posso entender que este eu permanente que de certo modo é anterior e transcendente a toda a experiência, ele é o verdadeiro substrato ontológico da minha pessoa. Se existe algo em mim que mereça o nome de ser, de ente, é isso, o resto, não, o resto são apenas estados, são qualidades. Este eu profundo, embora você só tome consciência dele no curso da experiência e depois de muita experiência, vê que ele está subentendido em toda a experiência e que é ele que a articula – não a articula racionalmente, mas é ele que, por assim dizer, colore com a sua cor pessoal todo o campo da sua experiência.

Note bem, quando você se refere a outra pessoa é a isso que você está se referindo, quando fala com outra pessoa é a este eu profundo dela que você está falando. Está falando com aquilo que nela acha que tem unidade e permanência, você não está falando com o estado passageiro dela. Se eu estou falando com uma pessoa e tenho certeza que o que eu estou falando com ela é apenas um estágio passageiro que vai vivenciar e vai desaparecer em seguida, eu não posso conversar com essa pessoa. Seria como conversar com uma sombra, com uma impressão lançada na parede, com uma lanterna mágica, como conversar com um fantasma, seria uma coisa horrorosa.

Nós não apenas temos este sentimento da nossa permanência interna, mas sabemos que as pessoas com que nós conversamos também o têm. São esses eus profundos que se comunicam, na verdade, porém o eu profundo não tem instrumentos de comunicação próprios, porque todos os instrumentos de comunicação foram recebidos do meio externo, da linguagem, do aprendizado etc. Sempre tem certa defasagem, mas a confiança de um eu profundo na existência do outro é a base de toda a convivência humana. Quer dizer, você só pode se dirigir a uma pessoa como um ser humano se você admite que ela tem uma unidade, que ela existe efetivamente, que ela não é só uma

impressão passageira sua e muito menos dela própria. Seu eu for achar que o eu de uma pessoa é apenas uma impressão passageira, eu também seria uma impressão passageira, e evidentemente todo o diálogo se torna impossível.

Diz-se que René Descartes às vezes olhava pela janela, via as pessoas andando e dizia: “Que provas eu tenho que estas pessoas têm alguma existência interior, que não são apenas máquinas que estão se movendo etc.?” Bom, este é um estado evidentemente patológico. Eu não sou capaz de enxergar as pessoas assim, [1:10] nem por um momento, quer dizer, eu teria de me colocar em uma altura divina e dizer: “Só eu tenho vida interior, só eu tenho subjetividade e os outros todos são bonecos que apenas estão se movendo”. Eu tentei, mas não consigo me colocar nesta posição nem por um minuto que seja, e para Descartes era uma experiência habitual. Ele custava acreditar que os outros existiam como focos ativos de consciência, sentimento etc.

Esta consciência deste eu permanente pode ser reativada diariamente, você pode sempre se lembrar disso, lembrar-se de quem é verdadeiramente. E é quando você se coloca nesta posição é que pode falar com Deus, pode orar, porque é uma alma verdadeira que está se dirigindo ao Espírito Eterno. Então você tem de ter alguma substancialidade para falar com Deus, senão, não.

Por outro lado, isto nos mostra que se fomos neste sentido criados como almas imortais, não existe a famosa identidade suprema de que fala o hinduísmo, quer dizer, de que você vai se desfazer, se diluir no mar da divindade. Se você pudesse se diluir no mar da divindade, deveria ser uma impressão passageira também para o próprio Deus, que vai integrá-lo nele e te esquecer. Mas se é para Ele te esquecer, se é para você ser apenas um cristal que aparece na superfície da água e depois se dissolve na água — que é uma imagem muito usada por estes místicos orientais —, se fosse para acontecer isso, Deus não te constituiria como alma imortal. É importante entender que Deus tem um amor pessoal por esta forma que Ele criou, por este eu imortal e Ele quer te preservar como tal.

Ao mesmo tempo, neste estado você reconhece que não tem substância além do amor divino, mas o amor divino pressupõe esta dualidade eterna, esta diferença eterna entre criatura e criador. A criatura sabe que ela não tem consistência ontológica própria, embora ela tenha uma identidade ontológica própria, mas não uma consistência, não uma substância. Nós somos obra do amor divino, mas é uma obra que veio para ficar, não foi para ser diluída, você não vai cair na inexistência.

Deste ponto de vista nós podemos dizer que a doutrina hindu está errada, flagrantemente errada. É um erro que se consagrou desde milênios e a prática de busca da identidade suprema é fazer buraco n'água. Alguns místicos do sufismo, o próprio Ibn'Arabi, que é o grande codificador da teoria da unidade, ele mesmo reconhece que esta dualidade é eterna, dualidade criador e criatura, marcada por uma relação de amor e não de absorção no sentido ontológico, como o cristal que se dissolve. Nós não fomos feitos apenas como uma forma para ser dissolvida, senão seríamos como um capricho de Deus, que nos fez para durar um tempinho e depois desaparecer, não, de fato não é assim. Porém para compreender isso é preciso que você se coloque do ponto

de vista do sentimento profundo do eu que o acompanha desde que nasceu e que permanece idêntico a si mesmo como uma melodia sem fim ao longo de todas as experiências que vai vivendo. A tomada de consciência disso é algo maravilhoso, não há coisa mais importante na vida do que isso.

No caso, você pode refazer seu processo histórico tendo esta consciência da sua unidade profunda, que no caso do outro, você não a tem. Você não tem o sentimento da identidade dele, sabe que ele tem essa identidade. Como é que você chega a captar algo disso? Pelo amor que você tem pela pessoa. Tanto as pessoas que o rodeiam quanto os filósofos que você está lendo. Se somos constituídos pelo amor divino, então é somente o amor ao próximo que nos dá a verdadeira dimensão do que o outro é, fora disso não há como você compreendê-lo.

Eu mencionei para vocês há alguns dias atrás uma obra importantíssima de um filósofo americano, Josiah Royce, em que precisamente ele diz que tudo aquilo que nós temos de unitário, de substancial, não pode ser apreendido nem pelos sentidos e nem pela razão, porque a razão só lida com categorias gerais e os sentidos também só nos dão características gerais, embora separadas tal como aparecem nos diversos entes. Por exemplo, as cores, as formas, os tamanhos, tudo isso é o que percebemos pelos sentidos. Tem de haver uma terceira função que nos permita perceber a individualidade, não só a individualidade humana, mas a individualidade do que quer que seja. Depois ele elabora isso de outra maneira que ele tomou do pragmatismo, mas o começo desta análise é muito boa.

Então vamos ver algumas perguntas aqui:

Aluno: Este estudo que o senhor está propondo na aula de hoje não é o que já estamos fazendo mais ou menos com os seus próprios escritos?

Olavo: Sim, mas eu fiz isso justamente para que entendam este negócio. Aqui vocês têm a sorte de que o filósofo não morreu ainda, ele está presente e ele pode nos contar mais ou menos como é que foi a história do ponto de vista dele, mas em outros casos você não tem. Por exemplo, Platão deixou algum depoimento sobre a sua formação, mas não é um depoimento completo, é apenas sobre certas etapas da vida, então vai ter de reconstituir o resto. É claro que esta reconstituição não é possível se, primeiro, você não tem a unidade interna do pensamento dele, quer dizer, é como se fosse uma sequência de idéias separadas da história, da circunstância concreta etc. Muitas vezes essas idéias têm de ser julgadas neste nível, pois na medida em que elas têm uma ambição de descrição científica da realidade, descrição objetiva da realidade, elas também têm de ser julgadas no confronto com a realidade independentemente das suas origens subjetivas. São, como se diz, dimensões incomensuráveis.

Por exemplo, “Edmund Husserl, Platão ou São Tomás de Aquino, diz tal coisa a respeito de tal outra coisa, então isso é verdadeiro ou isto é falso?” Isso é uma pergunta. Agora, como isto está encaixado no sistema das outras idéias dele etc.? Segundo, de onde se originou este sistema, como se formou, quais são as influências... São problemas incomensuráveis, mas qualquer filosofia colocará isso para vocês, até mesmo a mais modesta colocará para você todos estes

problemas. O problema da sua veracidade, da veracidade das suas afirmações, do que ela menciona de um referente e qual é a sua veracidade interna, a sua verdadeira estrutura, a sua verdadeira unidade, a sua verdadeira formação, a sua verdadeira absorção do meio etc. Isso é uma das coisas que torna este estudo absolutamente fascinante, porque qualquer filosofia, mesmo vagabunda, lida com esses dois planos incomensuráveis... Eu acho que se todo filósofo pudesse fazer isso que eu fiz com vocês: “Eu vou dar a lista das minhas influências recebidas” e fazer muito mais meticoloso do que eu fiz, pô! Quebraria o maior galho!

Aluno: No capítulo “Fisionomia da época moderna”, da obra Filosofia da Crise, Mário Ferreira dos Santos diz: “Procure-se nos movimentos socialistas o que há ainda de religiosidade, o amor pregado em favor dos afins ainda está acompanhado do ódio aos adversários, mas há socialistas que desejam só o amor, [1:20] e nenhum socialista sincero pode negar que este é o seu desejo, são as circunstâncias históricas que obstaculizam a atualização deste amor, mas inegavelmente ele está sempre presente nos seus corações, apesar dos fatos e da sua conduta favorecer uma interpretação diferente: há ressentidos odientos entre eles, mas ainda há muito amor e este amor ainda há de dar bons frutos apesar de muitos duvidar”.

Olavo: Muito bem, em primeiro lugar, o Mário Ferreira jamais fez um estudo sistemático a respeito da ideologia socialista e muito menos do movimento revolucionário. Isto aqui é uma impressão que ele tem, e esta impressão de fato corresponde aos fatos, corresponde à realidade até certo ponto. Por exemplo, eu me lembro de dois livrinhos que eu perdi há muitos anos sobre a revolução brasileira, escritos pelo Frank de Oliveira, que era um grande crítico literário, um homem de uma cultura extraordinária, e era este tipo de socialista onde tudo o que ele fazia era baseado na máxima do movimento revolucionário francês que era: “*L’amour en action voilà la révolution!*”¹, ou seja, “Onde está o amor em ação, ali está a revolução”: ele acreditava nisso realmente.

Porém, dum ponto de vista de estudo científico do que é uma ideologia, nós somos obrigados a concordar com Alexandre Zinoviev, de que a adesão de um sujeito a uma ideologia é completamente diferente, é um fenômeno especificamente diferente da adesão a uma fé religiosa, uma coisa não tem nada a ver com a outra. O sujeito que entra numa religião, ele crê naquilo, ele tem fé naquele negócio. Agora, a adesão a uma ideologia não é um ato de fé, é um ato de inserção num tecido de relações sociais. Por isso que ele diz: “Numa religião se crê, uma ideologia se adota”, essa distinção é fundamental. É claro que existem zonas de intercessão, mas essas zonas de intercessão fazem parte da confusão e não da natureza do objeto.

Não é possível crer numa religião sem crer em certos elementos que vêm do passado, que vêm de uma revelação que já foi feita: você não pode acreditar numa religião futura. Por exemplo, se acredita na religião judaica, acredita que Moisés recebeu de Deus as tábuas da lei etc. Isso já aconteceu há um tempão. Você pode acreditar em socialismo no mesmo sentido? Não, pois o socialismo é uma hipótese futura, ou seja, se você acredita numa verdade religiosa que

¹ “O amor em ação: eis a revolução!”

vem do passado, é uma coisa, se você acredita numa hipótese futura é outra completamente diferente.

O comprometimento do indivíduo com a religião é também completamente diferente do comprometimento dele com a ideologia, com o partido etc., pois o partido não está lhe contando uma história passada que você está continuando, ele tem certo conjunto de ações presentes das quais vai participar, mesmo que o partido tenha sido fundado na véspera. Um partido, em princípio, embora ele dure algum tempo, possa se apoiar na sua própria tradição, não é essa tradição que o constitui. Hoje podemos dizer que existe uma tradição comunista, mas quando Marx funda o movimento comunista em 1848, não havia tradição nenhuma, ele estava inaugurando algo completamente novo e ele insistia na radical novidade daquilo. Ele estava, de certo modo, se voltando contra as demais correntes socialistas, às vezes se voltando com uma violência extrema. Note bem que Marx embora diga que o seu socialismo é genuíno e os outros não são, ele não está voltando à idéia de um socialismo originário mais puro, não, ele está propondo um novo socialismo. Não é como na reforma protestante em que os caras alegavam um cristianismo utópico e totalmente inexistente, mas se apoiavam numa tradição, o que não ocorre com o movimento revolucionário.

A fé numa verdade permanente e que, ademais, vem carregada de uma tradição histórica é uma coisa, e a adesão a um movimento político é outra completamente diferente. A fé no sentido cristão tem de ser profunda e genuína. O que é a fé genuína numa ideologia? Jamais saberemos. Muitas vezes as pessoas perguntam se tal “fulano” acredita mesmo no comunismo ou se ele é apenas um oportunista: isso é indiscernível e, na verdade, perfeitamente irrelevante, pois o indivíduo dar uma tonalidade de crença religiosa à sua ideologia é apenas uma decisão pessoal que não interfere em absolutamente nada. Na verdade, alguns teóricos comunistas têm o maior desprezo por isso. Lênin tinha o maior desprezo por essas coisas, o próprio Marx também, para não falar de Stálin, ou seja, a sinceridade profunda no sentido religioso da coisa é indiferente para a ideologia, pois o movimento comunista prefere antes um oportunista útil a um devoto imbecil e inepto. Que religião pode dizer a mesma coisa? Que sacerdote poderá dizer: “Este indivíduo aqui não acredita na nossa religião, mas ele vem à missa regularmente, se comporta exteriormente como nós queremos, e dá dinheiro para a igreja. Este é melhor do que aquele que tem uma fé profunda, mas é relapso”. Nenhum sacerdote lhe dirá isso. O caso islâmico é diferente, pois o Islam é meio religião, meio ideologia. A fé profunda também não interessa ao Islam. Mohamed diz em uma de suas máximas: “Os hipócritas são nossos amigos”. Isso faz parte da religião, ou seja, o sujeito mesmo, se não acreditar em nada, já está ótimo se ele obedece e se comporta direitinho.

Porém, este elemento que o Mário Ferreira menciona aqui indiscutivelmente existe, mas não faz parte da essência do fenômeno, sendo apenas um elemento accidental. Neste caso, ele está olhando o movimento socialista a partir de uma analogia precária com a religião. Muita gente olhou assim, o próprio Eric Voegelin começou a sua investigação com a hipótese dessas religiões políticas, muito mais tarde descobriu que não era bem assim, mas ele não chega, com relação à ideologia comunista ao ponto de clareza e de lucidez do Zinoviev. O Voegelin teve alguma experiência das ideologias modernas,

uma experiência rápida, pois mais que depressa ele fugiu para os Estados Unidos.

Pelo contrário, Zinoviev viveu embaixo disso e observou a coisa durante quarenta, cinquenta anos, e observou a coisa com um realismo implacável, com a vantagem de que ele era um professor de lógica e metodologia das ciências. A contribuição do Zinoviev à sociologia política é monstruosa, para dizer o mínimo. Por exemplo, tudo aquilo que ele descreve a respeito da mentalidade comunal, o conceito dele de comuna, ou podemos chamar de comunidade, onde as regras de conduta são baseadas na idéia da sobrevivência, embora não seja só sobrevivência, você tem também relações pessoais baseadas no amor, na amizade etc. Mas a dinâmica do pequeno grupo na medida em que envolva alguma relação econômica, por mais tênue que seja, é evidentemente determinada por uma série de regras cujo objetivo é sobreviver e melhorar, nunca é piorar, jamais. Ou seja, ninguém quer descer de classe social, esta é a regra número um: ninguém quer cair na sociedade, a não ser que fique doente, entre em depressão, acaba por cair mesmo. Porém, nenhum grupo se baseia na sua própria autodestruição, na sua própria decadência, na sua própria queda, não, todos querem subir. Portanto, segue-se uma série de regras que visam a permitir que o grupo sobreviva socialmente e cresça e que cada indivíduo dentro do grupo faça também a mesma coisa.

Se estas regras fossem as únicas que determinam o conjunto da sociedade, então a sociedade seria um permanente **[1:30]** “pega pra capar”, porque seria simplesmente a busca da vantagem, seria a “Lei de Gerson”, ou seja, tirar vantagem em tudo. O tirar vantagem em tudo é a regra número um da conduta comunal, porém, a sociedade não é composta só das regras comunais, você tem os elementos de religião, os elementos de alta cultura, que estão impregnados ali, você tem os elementos da legalidade, da ordem jurídica, e tudo isso modera e mantém sob controle os diferentes grupos. Por mais que o indivíduo se identifique com o seu grupo e queira lutar pela vida e subir, levando junto os seus aliados e ferrando os inimigos, ele o fará dentro de uma legalidade, de uma moralidade, passada pela tradição, pela alta cultura, pela religião etc. Em última instância, a mentalidade comunal tem o seu limite, porém se esses outros elementos desaparecem, você cria uma sociedade baseada na mentalidade comunal: isso, segundo o Zinoviev, é o que define qualquer sociedade comunista. Isto não está na doutrina de Marx ou nos discursos dos teóricos, mas isto é como a sociedade comunista realmente funciona e, pior, ela já funciona assim não por um erro, não por circunstâncias históricas que obstaculizam a atualização deste amor. Não é que eles tinham as intenções mais amorosas do mundo e, como encontraram obstáculos, acabaram decaindo para a mentalidade comunal.

A ideologia comunista desde o início é inteiramente baseada na idéia da repartição dos bens materiais, isto é a base dela. Houve outras concepções antigamente que nunca pensaram nisso. Se você chegasse para um camponês medieval e lhe dissesse: “Nós temos de repartir os bens do senhor de terras, e repartir os bens da Igreja para você ficar rico”, ele não entenderia do que você está falando, não apenas na Idade Média, mas recentemente.

Por exemplo, eu estou estudando a história do império austro-húngaro. Esse império se forma na base de uma concepção barroca do universo, onde se

procurava conciliar os extremos – se inspiravam muito em Leibniz. Neste ambiente, o mundo criado e o mundo eterno, ou seja, o mundo existente e Deus viviam numa espécie de harmonia que se expressa, por exemplo, na composição de Joseph Haydn, “A Criação”. A celebração da criação como obra divina, ou seja, não há aquela rejeição protestante do mundo criado, ao contrário, existe um amor ao mundo criado por ser uma obra divina. A conciliação dos extremos.

Nesta atmosfera, cada súdito do império austro-húngaro se orgulhava de pertencer a um todo integrado, e isto impedia que ali prosperassem as idéias de rebelião, de querer tomar os bens dos outros. As pessoas realmente não queriam, pois elas estavam felizes de pertencerem a um mundo que tinha um sentido de integração, uma “macro-comunidade”, por assim dizer.

Isso acontece em muitos lugares, por exemplo, se numa tribo de índios você tentar tirar os bens do cacique para repartir os seus bens e as mulheres dele, o sujeito vai ficar escandalizado, pois isso só vai criar uma bagunça e nós vamos todos morrer no fim das contas. A idéia da repartição de bens, a idéia de acesso igualitário aos bens é uma idéia que durante a maior parte da história humana soou como uma coisa escandalosa, e não como uma obviedade desejável – e esta é a base da doutrina comunista. Isto significa que há um apelo direto à ambição comunal ou comunitária, que se torna então a regra máxima da sociedade. Quer dizer, a busca da igualdade é uma regra comunal, e não regra da sociedade. Toda sociedade é baseada na hierarquia, inclusive a sociedade comunista. Ela acaba na verdade criando uma hierarquia muito mais rígida, muito mais difícil de transpor do que qualquer outra sociedade, pois a hierarquia é não declarada como tal. Então você entroniza uma espécie de poder secreto. Se você avaliar o coeficiente de poder que tinha uma autoridade judicial ou policial na União Soviética com um presidente da república numa democracia moderna, o homem da KGB ganha, sem dúvida.

Eu estou lendo agora as memórias de Nadia Mandelstam, a esposa do poeta Ossip Mandelstam, e no primeiro capítulo ela já escreve sobre a prisão do homem. Ela diz que naquela época eles não faziam mais a pergunta: “Por quê?”, pois eles já tinham entendido que as pessoas eram presas por nenhum motivo. Depois de muitas experiências você vê os pretextos mais absurdos inventados, e já tínhamos chegado à conclusão de que as pessoas eram presas por nada. E naquela época já havia uma cota de prisões que deveriam ser efetuadas, e a cota era feita assim: agora você vai investigar os marinheiros, agora vai investigar os poetas e agora, os homens da construção civil, portanto, havia uma cota onde uma porcentagem deveria ser presa, houvesse motivos ou não. Onde você pode encontrar isso numa democracia moderna? Isso não existe, e, no entanto, lá isso se consagrou.

Uma observação científica fundamental, Zinoviev diz que: “Em geral, a maioria das pessoas entra na sociedade quando os melhores lugares já estão preenchidos”. Não há uma distribuição igualitária dos melhores lugares, quando você chega alguém já os pegou, pode ser que nasça num melhor lugar, por exemplo, pode ser que você nasça filho do David Rockefeller, ótimo, mas quantos filhos tem o homem? Dez milhões? Não, portanto, muito provavelmente você não será filho do David Rockefeller, nem do George Soros

etc. Quando você entra, os lugares superiores já estão ocupados, criando imediatamente um problema de subsistência e de ascensão social para todos.

Agora, quais são os meios de ascensão que existem? Na sociedade comunista só existe um meio, um caminho para subir, e este caminho chama-se o partido comunista. Não há mais nenhum outro meio, você não pode fazer o sucesso em mais nada. Você é um grande general e venceu não sei quantas batalhas: isso não significa absolutamente nada se você não estiver bem com o partido. Quer dizer que os meios de ascensão social são drasticamente reduzidos na sociedade socialista, pois, por definição, a sociedade socialista é aquela que organiza tudo a partir do Estado e a partir do Partido, evidentemente. Nem mesmo o Estado é um meio de ascensão social, você não pode subir no funcionalismo público sem ter o apoio do partido. É evidente que a concorrência entre os grupos se torna uma coisa infinitamente pior do que em qualquer outra sociedade, pois os lugares são poucos e o meio de ascensão é um só e, com a maior naturalidade, aí se criam várias situações, a primeira das quais, a seguinte: qualquer pessoa que se destaque no que quer que seja tem de ser destruída imediatamente. Essa foi uma regra que vigorou na Rússia, na China, em Cuba etc. Não interessa ela ser melhor nisso ou naquilo, interessa somente subir na escala do partido, todo e qualquer outro meio de ascensão é ilegítimo e é perigoso para todos.

A realização da sociedade socialista tal como tinha sido definida exatamente por Marx, Lênin etc., deu no que deu, não foi um desvio. É o que o Zinoviev diz: “Nós obtivemos o que nós queríamos, queríamos uma sociedade assim e a fizemos”. Agora, os pretextos embelezadores que você usa para justificar isso fazem parte do discurso de autojustificação ideológica e não da própria ideologia.

O amor, onde ele entra na constituição soviética? Não há amor, você tem uma organização social, um tecido de relações [1:40] objetivas onde o coeficiente maior de amor ao próximo não conta absolutamente. Tanto que o resíduo que pudesse existir de amor ao próximo foi extinguindo-se naturalmente à medida que a própria sociedade se organizava. No começo, quando a coisa estava um pouco bagunçada, ainda podia acontecer que um homem da KGB tivesse alguma tolerância com você e te perdoasse ou fizesse vista grossa em alguma coisa, no começo e no fim, quando a sociedade começa a se desfazer numa bagunça. Mas, à medida que a sociedade se organiza e alcança os seus fins, esse coeficiente de amor ao próximo desaparece completamente, não por um desvio, mas por uma consecução das próprias metas reais determinadas pela ideologia.

Portanto, é preciso considerar esta observação do Mário uma opinião lateral que visa este ou aquele, mas que de fato não se aplica ao fenômeno como um todo. Eu também nunca disse para vocês, nenhuma vez, que o Mário era um grande pensador político, nunca. Não digo e não direi, era um homem cheio de ilusão na cabeça, acreditava no Proudhon etc. O Mário é um enorme metafísico, um dos maiores, um dos grandes lógicos da humanidade, mas ele, mexendo nesse negócio da política, estava realmente fora da sua atmosfera.

Aluno: É possível fazer esta imersão no pensamento de um filósofo na sua (Olavo) obra e na sua vida?

Olavo: Pode fazer, no entanto que se leve em conta que eu ainda não estou falecido! Mas o que é a minha obra? Eu mesmo não sei, pois há muita coisa que eu estou querendo escrever e não consigo terminar de escrever. Quase todo o ensinamento que eu passei está em fitas gravadas, assim como o Mário Ferreira dos Santos. Nem tudo está ainda transcrito, portanto você vai encontrar uma dificuldade de material, e nós teríamos de lhe passar muitos cursos antigos. Talvez se fizer isso você até me ajude a dar uma forma mais acabada a essas coisas. Claro que pode, pode e me ajudará muito isso aí. Se alguém decidir estudar isso, me ajudará muito.

Aliás, isso acontece durante a vida, por exemplo, a história do Fink e do Husserl. Fink chegou a redigir livros inteiros dele, sendo possível inclusive ver a diferença de estilo. Por exemplo, no livro *Experiência e Juízo*, que é um livro importantíssimo de Edmund Husserl, não foi escrito por ele, mas inteiramente por Eugen Fink, que lhe dava então a forma literária que podia, naturalmente baseado no que o Husserl havia ensinado, porém é outro estilo. Isso é normal e acontece mesmo, e é uma ajuda formidável. Agora, só sugiro que vocês todos não façam isso, apenas um ou outro.

Ademais, uma vez na vida você vai ter de fazer isso com algum filósofo clássico, alguém cuja imagem histórica, inclusive com seus problemas e dificuldades, esteja bem perfilada. Aristóteles não é mau para isso. Embora tenha o problema da linguagem, ele não é mau, pois a obra não é tão grande.

Aluno: Nesta semana eu estava assistindo a um programa de televisão onde um teólogo disse: “Foi na Grécia ancestral que surgiu grande parte do sistema teórico do Ocidente, que é utilizado até hoje. Apesar desse vigor na criação de teorias, isso levou ao próprio colapso da civilização grega”. Disse, ademais, que eles mesmos não conseguiram desenvolver na prática suas infundáveis teorias e sistema filosófico.

Olavo: Mas isso é uma bobagem fora do comum! Onde que se conseguiu levar à prática uma infinidade de sistemas filosóficos? A frase é um *non sense*, você não pode levar à prática uma infinidade do que quer que seja, para levá-las à prática, eu digo: “Bom, isso é muito imprático!”.

Hoje as pessoas falam! O nível de estupidez humana dos opinadores é um negócio que cada vez me impressiona mais. Outro dia eu ouvi o Michel Temer com aquela história de que o Lula tinha defendido a transformação das FARC em partido político, e ele disse: “O Lula não fez nada disso, mas ele fez isso com as melhores das intenções”. Como? Se ele não fez como foi que fez com boa ou má intenção? O sujeito já se confundiu antes de terminar a frase, assim como esse camarada aqui também: “Não conseguiu desenvolver na prática suas infundáveis teorias e sistemas filosóficos”. Meu filho, tente fazer isso ou me mostre algum lugar onde as pessoas levaram na prática uma infinidade de sistemas filosóficos, e o que quer dizer com isso. É nessas horas que eu digo que tem de bater no sujeito, pois explicar e dialogar não vai adiantar. Tem de bater e não pode explicar porque está batendo.

Aluno: Com relação à intuição genial que todo filósofo tem e que a partir dela passa a trilhar num desenvolvimento que culminará no conjunto de sua obra,

como podemos identificar isso em filósofos com produções extensas e de temas múltiplos?

Olavo: Em primeiro lugar, a filosofia é uma tentativa de unificação, melhor sucedida ou não tão bem sucedida. Se fizer a história interna da filosofia, logo vai ver quais são os pontos unificadores, até de um ponto de vista lógico: a filosofia obedece a uma hierarquia, ela tem princípios e a aplicação dos princípios aos diversos domínios. Tão logo domina esta pura unidade lógica, você já tem uma pista de qual é a intuição fundamental que o sujeito teve.

Se a obra for extensa, bom, não há um caso numa obra mais extensa que a de Leibniz. No entanto, ele mesmo diz quais são as intuições fundamentais, ou seja, ele está consciente da unidade do seu pensamento. Claro que esta unidade é problemática, e justamente enfrentar os vários problemas que oferecem a extensão dessa idéia a todos os domínios de conhecimento, é isto que constitui a obra escrita de Leibniz. Em geral, a dificuldade nem é tão grande, pois se um filósofo é um filósofo, ele tem idéia de quais são os seus princípios fundamentais.

Aluno: Após a aula 71, fiquei com uma dúvida do que se chama de filosofia da linguagem nos campos acadêmicos atuais brasileiros, isso porque de forma assustadora começo a notar que a noção de linguagem, objeto que é estudado atualmente por este pessoal nas universidades, não corresponde à linguagem no sentido real da mesma. Estudando Lavelle e Agostinho, percebo que a linguagem se refere prioritariamente à representação que se subordina à experiência do ser. O que se dá, contudo, é que esta gente inverte o objeto e a imagem, dando para a linguagem um nível de realidade incoerente, crendo finalmente que esta mudaria o real e não o oposto.

Olavo: Acontece o seguinte: a linguagem revela ao ser humano uma dimensão do ser que sem a linguagem ele jamais poderia ter acesso a ela. A linguagem ilumina, de certo modo, o ser. Mas, se ela ilumina, é porque faz aparecer coisas que estavam no ser, ainda que estas potências estivessem presentes no ser tão somente com a finalidade de serem iluminadas pela linguagem. Mas se não estivessem lá, não poderiam. Eu uso muito um exemplo que me é caro. Toda a ciência da mineralogia está nos minerais. Quando você diz, isso só vale alguma coisa porque corresponde àquilo que aparece nos próprios minerais, senão toda a mineralogia seria uma ficção.

O que vai separar a pura invenção do conhecimento objetivo não é alguma coisa que esteja na linguagem, o problema é que os camaradas tentam observar o referente dentro da própria linguagem, e evidentemente não o encontram e chegam à conclusão de que ele não existe. Mas, por definição, o referente é aquilo que não está na linguagem, mas é iluminado por ela, sem esquecer que a própria possibilidade da linguagem repousa numa condição prévia que não é lingüística de maneira alguma, que é a sua capacidade auditiva, visual etc. [1:50] Sem isso não seria possível linguagem alguma.

É claro que a linguagem intensifica certos aspectos, porém, notem que aquele senso de presença total que um bebê recém-nascido tem, freqüentemente se perde ao longo da história cultural precisamente por influência da linguagem, e ele só pode ser recuperado mediante experiências como aquelas que eu sugeri

a vocês no começo do curso: a experiência do peso, de você se sentir num determinado lugar do universo, sentir a presença universal. Isso tudo não é lingüístico, não tem como ser transmitido em linguagem.

Por exemplo, eu suponho que alguns de vocês devem ter tido alguma experiência de relações sexuais alguma vez na sua vida, alguns não tiveram, mas se um dia tiver você vai ver que a tremenda realidade da presença do ser amado é uma coisa que não pode ser reduzida lingüisticamente. Eu acho que existe uma diferença muito grande entre o ato sexual e simplesmente falar dele, e eu acho que esta diferença é irreduzível. Considerando-se todos os poemas de amor do mundo, bom, tudo isso não existiria se as pessoas não tivessem um acesso físico às pessoas amadas. Isso é uma coisa tão evidente!

Agora, alguns desses camaradas que criam essas teorias são realmente pessoas sexualmente perversas, que não têm relação sexual com pessoas, mas com símbolos, tal como o sujeito que vai a um clube de sadomasoquismo para levar chicotada não está se relacionando sexualmente com uma pessoa real, mas com determinados símbolos industriais: o chicote, botinha de couro etc. Por isso que isso se chama “fetichismo”. O sujeito é um “fetichista”, porque ele não se relaciona com pessoa nenhuma, mas com coisas, intermediários objetais. Hoje em dia, em que temos o “sexo virtual”, isso piorou, pois você está transando por internet com pessoas que você nunca viu e nem verá, que não têm presença física, não pesam nada, não têm cheiro.

Aluno: Além da empulhação através da hegemonia da nova situação discursiva, o PT aqui em Sorocaba-SP, se utiliza de situações materiais que resultam em problemas sociais antes inexistentes.

Olavo: Mas isso não é algo a mais, isso é a própria natureza da coisa: criar interesses objetivos que legitimem retroativamente a proposta ideológica, esta é a essência da estratégia do Ernesto Laclau que, repito, foi adotada universalmente, ou seja, não é somente hegemonia sobre o discurso, pois ela cria depois uma rede de interesses materiais que o sustentam e que lhe dão uma espécie de segunda realidade.

Na própria sociedade soviética o partido comunista era relativamente pequeno no começo, mas depois da revolução ele cresce formidavelmente e daí se cria uma rede de interesses que o torna absolutamente inabalável. Se você disser que os comunistas tomaram o poder, isto na verdade é uma figura de linguagem, eles vão constituir um poder depois de tê-lo tomado. Como é que tomaram o poder? Quando tomaram o Palácio de Inverno e começaram a dar ordens. Ninguém os obedecia, evidentemente, eles não eram nada na sociedade, então eles tiveram de criar a sua clientela para que ela pudesse em seguida personificar o poder do partido comunista que era antes um poder inexistente. É tudo um blefe que deu certo.

Aluno: Essa calma perante as dúvidas que iremos encontrar durante a nossa vida filosófica depende muito da percepção da alma imortal a qual acalma a nossa mente e nos dá um alívio geral perante a agitação atual?

Olavo: Perfeitamente! Eu nunca conseguiria dormir uma única noite se eu não pegasse todas as minhas dúvidas e dissesse: “Eu não sei isso, mas Deus sabe,

então eu posso esperar até amanhã, o mundo não vai acabar até amanhã e, talvez, ele me mostre a solução disso ou daquilo”. O filósofo Alan diz: “Ninguém jamais conseguiria dormir se não acreditasse piamente que todos os problemas podem ficar para amanhã”. Eu li esta frase e nunca esqueci, pois isso é a cura da insônia: “Todos os problemas podem ficar para amanhã”. Inclusive os seus problemas filosóficos que não são tão mais importantes do que os outros. Ademais, se eu não descobrir isso, outro sujeito vai descobrir, então não precisa descobrir tudo.

Aluno: O senhor tem nos falado que as estruturas gerais das sociedades não existem sem que antes tenha acontecido algo na alta cultura. Eu pergunto: com filósofos e pensadores tão fascinantes, como Vladimir Solovyov e Dostoiévski que foram pré-revolucionários para a alta cultura não somente da Rússia, mas eles exerceram grande influência sobre o Ocidente, por que ainda assim aconteceram as revoluções de 1905 e 1917 na Rússia e se espalharam por todo o Leste europeu?

Olavo: Em primeiro lugar, a quase totalidade da classe intelectual russa estava metida em negócio revolucionário. Dostoiévski, quando percebe que aquele treco está errado, já é um homem maduro. Note bem, Dostoiévski alcança um grande sucesso mais entre o povão do que entre os intelectuais, muita gente ali não gostou do que ele estava escrevendo. Quando houve o enterro de Dostoiévski, havia tanta gente, que as pessoas perguntavam se era o enterro de um santo. O povo, o leitor, percebeu que ali havia um negócio profético, que ali havia algo a mais, mas isso não quer dizer que toda a intelectualidade russa tenha gostado de se ver retratada como um bando de loucos, como acontece no livro *Os Demônios*.

Quanto a Solovyov, eu não acredito que ele tenha tido jamais dentro da Rússia a repercussão que ele merecia. Ele foi muito mais lido no Ocidente depois da revolução. Portanto, uma meia dúzia de grandes pensadores, filósofos ou escritores não dão a tonalidade geral da vida intelectual, eles estavam longe de poder exercer qualquer grande influência. Além disso, vocês não podem se esquecer de outra coisa: na Revolução Russa houve muita reação interna de gente que não quis a revolução, quis detê-la e fez tudo o que podia para detê-la, porém este pessoal foi 100% abandonado pelas potências ocidentais.

Ainda recentemente, lendo o Antonio Negri no livro *Goodbye, Mr. Socialism*, que é uma entrevista que ele deu, ele retorna àquela história de que o endurecimento do regime soviético foi por causa do cerco ocidental em que todas as potências se juntaram para esmagar o regime nascente. Isto é absolutamente falso! Isto nunca aconteceu! O chamado exército branco recebeu uma ajudinha miserável da Inglaterra, e mesmo assim só para proteger os cidadãos britânicos que estavam lá, isso foi tudo. Quando eu era jovem, eu li um livro chamado *A Grande Conspiração*, dos autores chamados Michael Sayers e Albert Kahn, um livro que todos os comunistas liam na época, que era sobre [2:00] o cerco, a conspiração ocidental contra a União Soviética. Na época eu acreditei, porém, quando eu fui estudar, vi que nada daquilo tinha acontecido, pois o pessoal anti-revolucionário foi realmente deixado na mão, foi 100% traído, além de que a turma da revolução já controlava o aparato estatal, e, sobretudo, o exército. Vocês não podem se esquecer de que a revolução de 1917 foi, sobretudo, o golpe militar, em que o exército estava quase todo

contra o governo. Havia uma ou outra tropa, um ou outro potentado local que estava contra aquilo e tentaram se organizar à medida em que podiam, porém não tinham dinheiro, não tinham armas, coisa alguma, e foram deixados na mão, tendo sido uma luta desigual. Mesmo assim, eles deram um bocado de trabalho.

Aluno: Sobre Nietzsche, em que consiste basicamente a sua genialidade?

Olavo: De tudo o que eu li de Nietzsche, o que mais se aproveitam são observações de ordem psicológica. Nietzsche é um grande psicólogo, sobretudo no sentido de perceber o que existe de fraco, de maligno, de perverso dentro das criaturas humanas. E aí ele entende isso duma maneira fantástica. Às vezes também tem algumas intuições formidáveis de ordem estética, mas é tudo muito confuso, porém a parte psicológica eu acho bastante consistente. Se você quiser fazer uma psicologia da miséria humana, ela está toda em Nietzsche: tudo aquilo é real.

Aluno: Zinoviev não é um grande defensor do soviétismo, pois ele se refere num artigo a uma conspiração ocidental anti-russa?

Olavo: É uma coisa que o próprio Soljetsine escreveu, ou seja, você tem vários patriotas russos que lutaram a vida toda contra o regime comunista, porém, quando caiu o regime e você vê a invasão do capital estrangeiro, eles tiveram realmente uma impressão de conspiração ocidental anti-russa. Eu não digo: “Isto não existe”, eu não aprofundi isso, mas eu vejo que tanta gente na Rússia fala disso que seria preciso realmente averiguar o que está acontecendo lá. Eu sei que esse pessoal não é comunista de maneira alguma, ao contrário, fizeram tudo para destruir o regime, mas no final de contas são patriotas russos e é natural que após a queda do comunismo surja um movimento nacionalista, ou seja, o nacionalismo se torna a nova força unificadora da União Soviética. E para onde vai este nacionalismo russo? Eu não tenho a menor idéia.

Em certos momentos ele pode ser desviado para uma espécie de restauração do stalinismo, assim como pode evoluir para uma política de estilo fascista. Eu não sei ainda para onde vai, não tenho elementos para responder a isso, mas sei que os fatos que eles têm apontado, realmente existem. Porém, em que medida eles estão informados do reverso da moeda, isto é, da ação russa que continua no mundo? Por exemplo, os imensos capitais soviéticos espalhados pelo mundo sob a forma de agentes “laranja”, ou seja, firmas onde aparecem milhares de fortunas russas espalhadas pelo mundo que se descobrem como dinheiro da KGB.

Eu acho que essas reações dos nacionalistas russos contra a descaracterização cultural da Rússia são legítimas, porém é um pouco igual ao assunto sobre o Mário Ferreira dos Santos e os socialistas. É um fenômeno que eles estão vendo, estão chocados perante aquele fenômeno e estão reagindo sem ter todos os dados na mão. O Zinoviev, de sovieta não tem nada, ele pode ter algo de nacionalista russo. Ademais, a parte da obra — tanto do Zinoviev, tanto como a do Soljetsine —, referente a esse assunto, eu não creio que seja importante no conjunto, pois são apenas observações que eles fizeram diante de uma situação de momento que não estão compreendendo bem e eu

também não estou compreendendo bem. É preciso esperar para ver, não é preciso se preocupar muito com isso.

Aluno: Como você articularia aquela concepção de Josiah Royce que você explicou na última aula a respeito da natureza teleológica da individualidade humana com a idéia do Viktor Frankl da idéia da busca do sentido?

Olavo: Eu sinceramente não pensei no assunto, mas eu não acredito que sejam coisas tão diferentes assim, pois ele diz que o Josiah Royce fala de uma finalidade imanente à individualidade e o Viktor Frankl fala da busca do sentido como a busca de um valor objetivo, real. Ora, o “objetivo” e “real”, como coloca o Viktor Frankl, ele de fato existe como uma entidade superior a nós, mas ao mesmo tempo ela define o próprio perfil da individualidade, pois ela responde à pergunta do Viktor Frankl: “O que é que eu e somente eu posso e devo fazer?”. Portanto, é um aspecto da realidade total que está voltado para a sua pessoa, e que é evidentemente um elemento fundamental na descoberta da sua individualidade. Embora nas minhas explicações eu tenha me concentrado mais na idéia do passado e da continuidade histórico-biográfica interior sua e não na busca do sentido, é claro que essa busca do sentido unifica retroativamente, ela também te dá uma visão unificada desse passado, eu não vejo como separar uma coisa da outra.

Na medida em que ele está falando de um objetivo da sua vida que vai justamente te elucidar e contar a unidade da sua pessoa, então é claro que Josiah Royce e Frankl estão falando absolutamente da mesma coisa, desde dois enfoques analíticos completamente diferentes, [2:10] mas eu não creio que haja nenhuma contradição aí. Mas notem bem, isso é apenas uma opinião, eu não analisei direito este problema. Eis um belo estudo filosófico para você fazer: “O caráter teleológico da individualidade humana segundo Josiah Royce e a idéia do sentido da vida segundo Viktor Frankl”, isso dá uma tese universitária.

Eu pretendo que no último ano cada um de vocês se dedique a um estudo monográfico sobre alguma coisa e que depois tudo isso seja inclusive publicado. Nós mesmos trataremos de arrumar os meios de publicar e divulgar essas coisas. Mas não é necessário definir nada ainda, eu espero apenas que todos vocês pensem o seguinte: “O que eu vou fazer é uma coisa útil para as pessoas ou é só para resolver uma dúvida minha?”.

Muito bem, eu acho que eu vou passar imediatamente às questões do grupo do Mário Ferreira, se os outros quiserem permanecer online durante isto, tudo bem.

Com relação ao grupo de estudos estratégicos, primeiro. Eu acabo de entregar aqui ao David vários livros que serão transformados em PDF e mandados para vocês. Eu sugiro que essas leituras sejam divididas para que não haja o problema de que todos tenham de ler os mesmo livros. [2:10] Dividam os livros, cada um lê aquilo em profundidade e apresenta para os outros um resumo, de modo que cada um dos outros saberá se aquilo tem algum interesse pessoal para ele ou se aquela informação basta.

O primeiro é esse livro, Gérard Chaliand, *Le Nouvel Art de la Guerre*. Então eu estou dando preferência aos livros que tratem da situação estratégica atual e

depois nós vamos voltar para trás. O segundo é aquele já mencionado, Jacques Baud, *La Guerre Asymétrique*. O terceiro é esse aqui, é um livro que eu já mencionei muito, Ladislav Bittman, *The KGB and Soviet Disinformation*. Este é um livro de uma importância extraordinária, *Rules for Radicals*, do Saul Alinsky, que foi o guru do Barack Obama. Isso é para vocês entenderem o que está sendo feito agora nos Estados Unidos. Este aqui é outro livro de uma importância incrível, Elliot Goodman, *O Plano Soviético de Estado Mundial*. O primeiro plano elaborado de estado mundial foi soviético, a gente nunca pode se esquecer disso. Você tem tendências de estado mundial, mas os primeiros que inventaram o estado mundial foram os soviéticos. Os outros planos são mais ou menos baseados nele. Por fim, este aqui é de Edmund Walsh, um jesuíta que vivia na Rússia, *Total Empire*, que vai mais ou menos nessa linha deste mesmo do Elliot Goodman. Vocês dividam esses livros, cada um lê um e daqui a, sei lá, quinze dias, vocês apresentam. Eu vou alimentá-los com esses livros de modo a formar aos poucos uma massa crítica e até as perguntas, as questões fundamentais que depois vocês vão depois investigar vão surgir dessas leituras.

Aluno: Você estará presente nas apresentações desses livros para corrigir e ampliar as explicações? (..)

Olavo: Não, não estarei presente, mas vocês vão deixar isso gravado e eu vou ouvir depois.

Aluno: (...) Há uma ordem em que esses livros devem ser lidos? (...)

Olavo: Não, por definição várias pessoas vão ler e não há ordem nenhuma. Mas eu estou tentando selecionar o que me parece ser de importância mais imediata.

Aluno: (...) O sr. conhece algum livro sobre as empresas-laranja do qual (...)

Olavo: Livros, eu não conheço, mas há vários artigos da internet que eu posso coletar. Há alguma coisa disso que está no livro do Golitsyn. Partindo das dicas do Golitsyn vocês mesmos podem fazer suas pesquisas na internet e achar mais coisas. Vamos lá para o Mário Ferreira.

Aluno: O livro Filosofia da Crise tem apenas 205 páginas de textos. Como os integrantes do grupo são 30, daria menos de 7 páginas para cada um. Se eu fosse atribuir exatamente 7 páginas para cada um, ocorreria o truncamento do texto no mesmo capítulo, o que por óbvio não seria recomendável. Assim, eu atribuí um capítulo para cada participante. Embora uns tenham ficado com menos páginas e outros com mais a gente teria preferido assim a truncar o texto no meio do capítulo.

Olavo: Muito bem, então cada um faça o seu capítulo e depois repasse aos outros membros do grupo para que faça uma revisão do que vocês fizeram, se não houver nada a acrescentar ali. Quer dizer, cada capítulo passaria por duas ou três pessoas, e acho que isso dá para fazer num tempo relativamente breve.

Aluno: Em face disso, eu gostaria de indagar ao professor Olavo se ele pode liberar outra obra do Mário Ferreira dos Santos para iniciar pelos alunos do grupo.

Olavo: Não, vamos matar a *Filosofia da Crise* primeiro. Isto é urgentíssimo. Faça o seu capítulo e repasse para outras pessoas. E se cada um quiser subdividir ou achar algum ponto no texto onde ele pode subdividir e passar para outro, não hesite em fazer isto. Vamos fazer isto: vamos colocar para nós mesmos esse desafio: nós temos de liquidar a *Filosofia da Crise* anteontem. É uma corrida contra o tempo. Quer dizer, houve um desafio da parte da É Realizações: “Se vocês nos entregarem o texto, nós publicamos”. “Ah, é? Pois nós vamos entregar”. Nós não vamos deixar que picareta nenhum passe na nossa frente, chegue lá na É Realizações, escreve uma introduçãozinha vagabunda e pega o mesmo texto mal editado do Mário para publicar. Nós não vamos permitir que ninguém faça isso, nós temos de chegar na frente, sempre. De modo que se nós fizermos isso uma vez, duas vezes, três vezes, quando chegar à quarta vez, o Edson, se for preciso, ele vai nos esperar. Porque ele sabe que nós vamos cumprir a palavra.

Aluno: Tem espaço para mais um no grupo do Mário Ferreira?

Olavo: É claro que tem. Mesmo porque, esse negócio de fazer vários livros ao mesmo tempo, nós talvez possamos adotar isso depois de terminar a *Filosofia da Crise*. Nós temos de entrar com a *Filosofia da Crise* na É Realizações muito rapidamente para, por assim dizer, conquistar o espaço. Nós somos os primeiros, nós terminamos a coisa rapidamente e fazemos bem feito. Não que o Edson duvide da nossa capacidade de fazer isso, é que acho que ele pensou que eu estava querendo fazer sozinho, e daí demoraria muito tempo. Mas ele não contava com a minha arma secreta que são vocês.

Aluno: Nós vamos manter o termo dialectica ou [inaudível]

Olavo: Eu vou repetir: quando fiz a edição da *Sabedoria das Leis Eternas*, eu não tinha um texto manuscrito do próprio Mário, só tinha uma transcrição feita pelos familiares dele. Esta transcrição estava muito irregular. Como eu não tinha um texto, não podia manter a ortografia do texto originário porque simplesmente não existia o texto originário. Eu modernizei a ortografia. Porém onde você tem um texto final do Mário, eu acho que deve-se manter a ortografia dele, até onde é possível. Onde ele próprio não é fiel à norma que explicita na notinha — ele coloca uma nota ortográfica inicial. Se ele falou em cumprir a sua própria ortografia, nós restauramos a ortografia dele, e colocamos na nota dele e mais uma nossa explicando o que está acontecendo. Eu acho que isso inclusive é mais fácil do que modernizar a ortografia, mesmo porque esta nova ortografia que apareceu, cada novo acordo ortográfico é um novo caos. Olha, a ortografia francesa é a mesma desde 1600, e ninguém está reclamando disso aí. Reforma ortográfica é coisa de vagabundo, é coisa de quem não tem o que fazer. Às vezes eu penso fazer como o Monteiro Lobato fazia: ele criou a sua ortografia pessoal e falou: “Acabou, eu vou escrever do jeito que eu quero, e está aqui, a minha norma é essa”, e o Mário fez mais ou menos a mesma coisa, então vamos respeitar essas pessoas que se revoltam com justas razões contra as reformas ortográficas. Eu continuo usando a mesma ortografia de 1947. Eu não quero saber da nova ortografia: ela

cancelou o trema, cancelou isso, mais aquilo, quer dizer, vou manter tudo. Quando eu mando artigo para o jornal, falo: “Vocês aí na redação se arrumem, façam o que quiserem, mas eu vou escrever do meu jeito”. Quando há tantas reformas ortográficas, a solução é não obedecer a nenhuma delas.

Aluno: Várias pessoas estão perguntando se é possível colocar os PDF's do grupo de estudos estratégicos no site do Seminário.

Olavo: Sim, eu não sei, não quero incorrer em ilegalidade, não quero violar direitos autorais. Mas onde for possível sem ilegalidade, nós faremos isso. [2:20] Onde não for possível então, apenas para uso do grupo por impossibilidade de acessos. Existem alguns livros aí que você não vai encontrar em lugar nenhum. Esse livro do Eliot Goodman simplesmente não existe mais. O do padre Walsh também não existe, então, temos razão para fazer, mas não podemos adotar isso como norma. Faremos quando possível sem violação de direitos autorais.

Aluno: Como fazer para corrigir a transcrição em grego? Quem pode se responsabilizar por isso?

Olavo: A transcrição do grego, alguém que saiba grego! Deve ter alguém que sabe aí. Fala com o Bruno Mori que sabe todas as línguas. Ele fala 453 línguas, ele deve saber. Eu fico impressionado com isso, porque eu sofro que nem um cachorro para aprender uma língua nova. Tem gente que em uma semana pega tudo. O Bruno Tolentino era impressionante. Ele ia para um país, por exemplo, Zâmbia, chegava lá, em duas semanas estava falando a língua do lugar. Um negócio impressionante.

Olavo: O pessoal do IOC ainda está acompanhando a nossa conversa aqui. Tem mais perguntas aí?

Aluno: [inaudível]

Olavo: Não, mantenha a “dialectica”. Sim, é um caso em que o próprio autor foi infiel à sua norma. Provavelmente está errado no índice, porque não foi feito por ele. Eu tenho certeza de que a *Filosofia da Crise* tem páginas e páginas que foram realmente escritas pelo Mário, porque elas estão mais integradas, por assim dizer, mas pode haver um pedaço ou outro que foi ou editado ou gravado. Nós temos de tentar fazer a coisa do jeito que o autor queria e não necessariamente do jeito que ele fez. Quer dizer, é no índice que está sendo sempre usada a “dialectica”. Eu não me lembro, não estou com o livro aqui. Eu nem olhei o índice, na verdade.

Aluno: [inaudível]

Olavo: Então, predomina o texto, evidentemente. O índice provavelmente foi feito pelo editor na hora, que era o genro dele.

Aluno: O livro Filosofia da Crise foi distribuído para 22 membros do grupo. Ficou um capítulo para cada membro, sendo que apenas um capítulo, denominado “Dialectica da crise”, que tem 23 páginas, foi atribuído a dois participantes (...)

Olavo: Muito bem!

Aluno: (...) Desse modo cada um ficou com menos de 20 páginas.

Olavo: Excelente!

Aluno: (...) Como a distribuição foi feita segundo a ordem numérica dos capítulos e a ordem alfabética dos nomes dos membros do grupo, os oito participantes do final da lista ficaram sem receber distribuição.

Olavo: Então, estes oito, por favor, revisem o que os outros fizeram. De preferência, se você fizer quatro páginas, manda para um desses oito que ele já vai revisando antes de você fazer as páginas seguintes. Eu acho que não vale a pena dar outro livro agora porque nós temos de concentrar todas as nossas baterias na *Filosofia da Crise*, é questão de urgência mesmo.

Aluno: O professor Olavo quer que as páginas sejam enviadas à medida que forem ficando prontas ou prefere que nós enviemos o texto completo no final?

Olavo: O texto completo no final, porque eu estou preocupado com outras coisas e não posso fazer isso agora, então seria fazer buraco na água. Mais alguma? Então está aí resolvido o problema. Até a semana que vem e muito obrigado.

Transcrição: João Paulo Borgonhoni – Instituto Olavo de Carvalho – Curitiba

Revisão: Antonia Javiera Cabrera Muñoz